

CAROLINE ALVES PEREIRA

**A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS SOCIAIS NA OBRA USINA DE  
JOSÉ LINS DO REGO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS - BRASIL  
2018

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa

T

P436c  
2018

Pereira, Caroline Alves, 1983-  
A construção dos espaços sociais na obra Usina de José  
Lins do Rego / Caroline Alves Pereira. – Viçosa, MG, 2018.  
vi, 84 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Orientador: Joelma Santana Siqueira.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.  
Referências bibliográficas: f. 81-84.

1. Rego, José Lins do, 1901-1957. Usina - Crítica e interpretação. 2. Ficção romântica brasileira. 3. Brasil, Nordeste - História - Revolução, 1930 - Ficção. I. Universidade Federal de Viçosa. Programa de Pós-Graduação em Letras. Mestrado em Letras. II. Título.

CDD 22. ed. B869.3

CAROLINE ALVES PEREIRA

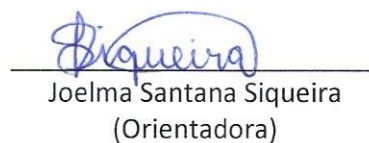
**A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS SOCIAIS NA OBRA USINA DE  
JOSÉ LINS DO REGO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 28 de setembro de 2018.

  
Junior Vilarino Pereira

  
Dirceu Magri

  
Joelma Santana Siqueira  
(Orientadora)

À Naomi Gabrielle, meu amor!!

## AGRADECIMENTOS

Certa vez, conheci os sonhos de uma moça que a mim era muito próxima. Ela me dizia que, desde a tenra idade, possuía em seu íntimo uma vontade muito grande de se tornar uma médica, mas sua condição financeira e a cor de sua pele a distanciava deste feito.

Ela nunca me impôs empecilhos, ou deixou transparecer a possibilidade, ainda que mínima, da minha falha. Sempre me impulsionou para frente, mostrando a simplicidade do mundo e o como sempre fui parte dele. Por isso, sinto-me eternamente grata à minha mãe, esse serzinho tão pequeno de uma luz imensa, de tanto amor.

Agradeço, ao meu pai, à minha irmã, à minha prima Glaucia, minha irmã de caminhada, Taluana, meus irmãozinhos de quatro patas que sempre foram o meu porto seguro, meu conforto. Agradeço ao meu amigo Julius que sempre se preocupou em ressaltar o meu valo, e à minha comadre e amiga Rosângela, por acreditar em mim e no tamanho do meu potencial.

Agradeço ao meu esposo, amigo, e companheiro, Karl, que em momento algum duvidou da minha capacidade, por sua eterna paciência, carinho e amor. Agradeço à minha orientadora, Joelma, uma nova amiga, portadora de uma humanidade incrível, a quem admiro e tenho muito carinho, e cujo trabalho também a ela dedico.

E por fim, agradeço à Deus, pois sem ele não estaria onde estou, não seria quem eu sou, e não defenderia os ideais que hoje tenho.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	v
ABSTRACT .....	vi
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	11
I. DO CONCEITO DE REGIÃO AO REGIONALISMO DO MANIFESTO REGIONALISTA DE GILBERTO FREYRE .....	11
II. A MODERNIZAÇÃO DOS ESPAÇOS SOCIAIS NO SÉCULO XX .....	23
<b>CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DA OBRA</b>	
III. O ROMANCE DE 30 E A RECONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS NARRATIVOS .....	31
IV. O PARADOXO DA LIBERDADE REPRESENTADO PELA VONTADE E CONDICIONAMENTO EM FERNANDO DE NORONHA .....	49
V. O PROTAGONISMO INVISÍVEL DO MOLEQUE RICARDO .....	57
VI. DO AÇUCAR À PRECARIZAÇÃO DA VIDA E DO TRABALHO .....	65
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	77
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	81

## RESUMO

PEREIRA, Caroline Alves, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, setembro de 2018. **A construção dos espaços sociais na obra Usina de José Lins do Rego.** Orientadora: Joelma Santana Siqueira.

Este trabalho apresenta uma análise da construção dos espaços romanescos presentes na obra Usina (1936), de José Lins do Rego num período histórico situado entre o pós-guerra e a crise moral instalada no pano de fundo de uma sociedade em transição. O Nordeste, focalizado através da narrativa moderna e ousada do autor é o cenário onde encontra-se refletida a problemática da modernização, do espaço social e do trabalho, num contexto cujo sistema político, social e cultural diluem-se na sedução da cultura estrangeira e do subdesenvolvimento nacional. Para proceder à junção de dados das análises críticas acerca, tanto da constituição do conceito de Região quanto da efetivação da força de trabalho, foram consultados textos de enfoque geográfico, histórico e literário, tal como recortes de jornais da época e textos que abordem a aquisição do memorialismo. A análise dos espaços construídos através deste novo modelo social proposto, destaca muito mais que a reconfiguração do meio, tendo como referência as relações que se desenvolviam ou se perdiam no percurso, que evidencia o surgimento problemático de uma nova organização que se cristalizava nos centros urbanos isolando as expressões revolucionárias de um Nordeste deslegitimado.

## ABSTRACT

PEREIRA, Caroline Alves, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, September, 2018.  
**The construction of social spaces in *Usina* Jose Lins do Rego´s work.** Advisor:  
Joelma Joelma Santana Siqueira.

This work show the construction of social spaces´ analysis builded in Jose Lins do Rego work in a historic period constitute between the first World War Ends and the moral crises installed in the transition society background. The Northeast, focuses between the author´s bold and modern narrative is the scene where is founded reflected the problem of modernization of social space and work, in a context whose the social, cultural and political system is diluted in a seduction of foreign culture and of nacional underdevelopment. To procede to unification of critical analyses´ data about both Region´s concept constitution and workforce´s efectiveness, was considered literary, historical and geografic´s works, like newspaper clipping and texts that refer the acquisition of memorialism. The analysis of the spaces constituted of this new proposed social model stands out much more than the reconfiguration of the environment, having as reference the relations that were developed or lost in the course, but also show the problematic emergence of a new organization that crystallized in the urban centers isolating the revolutionary expressions of a delegitimized Northeast.

## INTRODUÇÃO

Um intenso movimento de mudança das estruturas literárias emergiu da segunda fase do modernismo no Brasil. O pano de fundo, construído de maneira inovadora por autores como Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Manuel Bandeira, entre outros, foi ressignificado no intuito de realocar os valores e identidades mais próximos do sentimento nacional e cultural do país.

O romance de 1930, que abrigou personagens singulares, imbuídas de misticismo e folclore, buscou retomar o sentimento de nacionalidade do modernismo da década de 20, porém, com elementos culturais de uma brasilidade mais ressaltada, reavivando os elementos da cultura brasileira e os aspectos regionais de maneira mais ampla.

Podemos afirmar ter havido uma reformulação do contexto nordestino, ao passo que o desenvolvimento, ou ainda, o amadurecimento da literatura em relação às escolas anteriores, acompanhou as mudanças que ocorreram no país, em especial no Nordeste do Brasil.

Desta forma, é importante ressaltarmos que antes desse desenvolvimento literário, de cunho social, reconhecido pelas designações relativas à geografia (norte/nordeste), cronologia, nomenclaturas literárias e temas, como literatura das secas, do ciclo do açúcar etc., presenciamos a expressão de uma tendência moderna e herdeira da escola de Recife<sup>1</sup>.

A Semana da Arte Moderna tem sido estudada como um marco na história da literatura no Brasil, pois simboliza um período de cisão entre o sentimento romântico - representado pelo lirismo ideológico, que buscava ressaltar a questão da nacionalidade imprimida num perfil europeizado, uma vez que sempre vinha associada aos interesses da metrópole - e a busca por evidenciar a identidade nacional, reafirmando os traços do povo brasileiro.

Existem erros que designam a semana de 1922 como um movimento limitado às questões estéticas, como se não houvesse espaço para o desenvolvimento de questões sociais e críticas, relacionadas ao envolvimento das expressões literárias com o rumo que tomava o processo de modernidade do país.

---

<sup>1</sup> Afirmação da pesquisadora, baseada no texto Escola de Recife, das autoras Maria Aparecida de Paula Rago e Rosa Maria Vieira, disponível em <http://cpdoc.fgv.br>

No entanto, notamos que o Modernismo no Brasil se impôs em uma literatura que, mesmo sob a influência estética europeia se evidenciou e questionou a heterogeneidade das raças no Brasil, e ao fazê-lo rompeu, juntamente, com o sentimento de inferioridade relativa à Portugal, impulsionando a criação de uma estética de natureza mais nacional.

Parafraseando Antônio Cândido (2010), notamos que este foi o momento em que houve a possibilidade de se notar um decréscimo na disparidade cultural entre Brasil e a Europa, pois não era mais central para os intelectuais da época a assimilação dos valores puramente externos e idealizados, como simbolizou *O Guarani* (1857) de José de Alencar (1829-1877).

A dialética entre o local e o cosmopolitismo, que auferiu realce pela estética de Mário de Andrade (1893-1945) em *Macunaíma* (1928), ou ainda, pela *Antropofagia* de Oswald de Andrade (1890-1954), afirmou a maturidade da arte brasileira, ao passo que não mais representou o Brasil sob olhar forasteiro que simbolizou o índio europeizado, a natureza amena, o cenário bucólico e as relações harmônicas entre figura do nativo e do colonizador.

Na esfera conjuntural – pós independência do Brasil (1822) e pós I Guerra Mundial (1914) – este momento foi marcado pela tentativa de se dissipar, em partes, os laços que mantinham a dependência entre o Brasil e a colônia, assim como pelo avanço da modernização do modo de produção econômica. Notamos o apontamento dos Estados Unidos no ranking mercadológico mundial, assim como sua influência direta na economia brasileira, e como consequência deste fato, uma modificação notória do modo de vida da população no Brasil.

No âmbito das artes, constatamos o compartilhamento de uma literatura, estruturada sob o intercâmbio da experiência estrangeira com os valores nacionais que, paulatinamente, culminaram nos aspectos da identidade brasileira, como o folclore, as tradições, os hábitos, etc., sem deixarem de promover a crítica, que segundo Cândido, nesta conjuntura, podemos considerar como a representação do modo com os indivíduos se enxergavam no mundo.

Adiantando uma síntese, referente a ocorrência da semana de 1922 no Brasil, podemos afirmar não ser possível falar de um único Modernismo em relação ao quadro representativo das manifestações literárias no Brasil. Percebemos que a unidade dos padrões estéticos europeus junto às produções artísticas brasileiras, sem desconsiderar uma pitada do contexto (social e econômico) turbulento, promoveram manifestações de

outras tendências internas ao movimento, e por essa razão, considerarmos o Modernismo em seus três estágios:

O primeiro estágio representa a fase da assimilação das condições, e não podemos deixar de ressaltar a influência de alguns nomes que contribuíram de maneira significativa para o rompimento da subjugação da literatura nacional aos valores europeus. Da primeira geração de pensadores do país, advindos da Escola de Direito de Recife, no século XIX, ergueram-se os intelectuais questionadores da sociedade, responsáveis por romper com vários paradigmas como a metafísica e o misticismo conservador<sup>2</sup>.

A primeira fase do modernismo inspirada pela geração citada acima, orientou a reflexão e o pensamento da geração de 1930 (segunda fase do Modernismo), que vai de 1930 a 1945, sendo esta data determinante, posto que representou o ápice da materialização das conjecturas anteriores, no que tange as questões sociais, culturais e econômicas.

A terceira e última fase (1945 a diante), diz respeito a produção seguinte a esse contexto. Aqui, encontramos o amadurecimento dos ensaios sociais, e da lírica moderna. Vemos o desenvolvimento da ficção regional como também da *prosa cosmopolita e o experimentalismo psicológico e moral de Lúcio Cardoso e Cornélio Pena*.<sup>3</sup>

No entanto, interessa-nos aqui a segunda fase do modernismo no Brasil, mais especificamente o romance social inscrito no Nordeste do país, capaz de unir à estética elementos sociológicos e econômicos a fim de exacerbar a identidade e a cultura brasileira. 1930 integra a pauta do regionalismo com uma demanda nacional, simbolizada pelo grupo que se formou em diferentes regiões do país.

Podemos considerar como a gênese do movimento que se formava no Nordeste do Brasil, o Manifesto regionalista, responsável por dirimir o sentimento coletivo de inferioridade no que tange as questões políticas, econômicas e sociais. Por outro lado, é importante ressaltar o papel fundamental que a intelectualidade nordestina teve na ação de se pensar o Brasil.

Outro ponto essencial é que, embora o Manifesto fosse a representação das declarações feitas por Gilberto Freyre, no Primeiro Congresso de Regionalismo

---

<sup>2</sup> Afirmação da pesquisadora, baseada no texto Escola de Recife, das autoras Maria Aparecida de Paula Rago e Rosa Maria Vieira, disponível em <http://cpdoc.fgv.br>

<sup>3</sup> BOSI, Alfredo. A história concisa da literatura brasileira. 43<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Pg. 389.

Brasileiro, ocorrido no ano de 1926, o mesmo só foi publicado 26 anos após sua defesa, engendrando algumas dúvidas quanto a sua legitimidade, principalmente em relação ao conteúdo conservado.

Freyre evidenciou, como uma situação sintomática do contexto da modernização, a cor local, os costumes e os hábitos referentes a região do Nordeste, promovendo a reflexão acerca da imposição desse novo modo de vida fomentado pelas transformações da modernidade..

A valorização da culinária, diluída entre os temperos de origem africana trazidos pelas negras que ocupavam a cozinha da casa grande e os de origem europeia; o homem nativo em relação à natureza; a importância dada às regiões em comparação ao Sudeste, enfim, todas essas demandas simbolizavam a evidencia de uma originalidade regional, que denunciava a crise que se acirrava em meio as transformações nacionais.

Considerando o espaço em que as negras ocupavam na casa grande, Freyre afirma que “toda essa tradição está em declínio ou, pelo menos, em crise, no Nordeste. E uma cozinha em crise significa uma civilização inteira em perigo: o perigo de descaracterizar-se”.<sup>4</sup> O autor reporta-se não apenas à cozinha, mas a todas as outras formas de presença da identidade nordestina.

Esta observação é bastante perceptível na obra *Usina*, pois José Lins do Rego também buscou retratar essa realidade recuperando as experiências tanto do protagonista Carlinhos quanto da personagem Ricardo, em suas relações com a casa grande. Lins abordou com maestria a presença das negras na cozinha, o sabor de seus temperos cobiçados por Dr. Juca, o usineiro tradicional, assim como os reflexos da modernização, que empurrou as negras para os espaços cada vez mais longes do ambiente da casa grande. Lins demarcou a região do Santa Rosa, corroborando as afirmações coerentes no manifesto, no ato de ressaltar as frutas típicas, a religião, o espaço do campo, o que será abordado mais a frente.

Portanto, e olhando para a conjuntura que propiciou a manifestação dessa literatura, é que conseguimos arrolar algumas considerações relativas ao regionalismo de 1930:

a) O rompimento com a linguagem formal, a fim de conferir maior liberdade ao narrador e às personagens, tal como a problematização da superioridade dos discursos

---

<sup>4</sup> FREYRE, Gilberto. O manifesto regionalista. 7ª ed.

acadêmicos, direcionados e classistas. Em relação a manifestação artística regionalista do Nordeste – que é o foco desta pesquisa – afirma Pragana <sup>5</sup>:

A renovação da língua literária do Brasil que caracterizou o romance social do Nordeste no Brasil pode ser interpretada como resultado de uma maior aproximação nordestina entre escritor e inspiração popular, folclore, regional. Como superação de eruditismo, na língua literária brasileira, por maior contato do escritor com a região e com sua tradição, inclusive maior contato com o povo, com o próprio analfabeto, com o seu modo expressivamente oral de expressão, com seus ditados e com seus mitos. (PRAGANA, 1983. pg.7)

Esta renovação no plano da linguagem, ao mesmo tempo em que deu continuidade ao modelo literário abordado pelos modernistas de 1922, conferiu maior liberdade artística e maleabilidade às personagens.

b) A segunda reestruturação, associada à prosa moderna, apresenta-se como a nova relação entre o narrador e as personagens, de modo que conseguimos captar seus papéis no romance, e observamos os inúmeros mecanismos de envolvimento do ponto de vista do narrador no plano da obra.

c) E por fim, a intensidade do foco dado aos aspectos sociais e políticos/econômicos, em consequência da aproximação com ensaios sociológicos e acontecimentos sociais.

Em relação a este último aspecto, é fato que a afirmação da existência de uma literatura de cunho político ideológico incorre no risco de se conceber as obras dos romancistas de 1930 como tentativas de representação fotográfica da realidade, o que seria um erro, visto que o mecanismo fotográfico não daria conta de representar, fielmente, o universo denotativo. Entretanto, é inegável a afirmação de que houve uma aproximação muito mais efetiva e complexa entre o espaço ficcional e o ambiente extraliterário, e que esta surge como consequência da crise que foi ao mesmo tempo social, cultural, política e ambiental, exigindo resposta dos intelectuais da época e incitando os autores a aproximarem suas ficções dos modelos de *narração-documento* <sup>6</sup> no processo de *captação direta* <sup>7</sup> dos fatos sociais.

---

<sup>5</sup> PRAGANA, Maria Elisa Collier. **Literatura do Nordeste**: em torno de sua expressão social. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1983, pág. 7.

<sup>6</sup> Termo utilizado por BOSI, Alfredo. **A história concisa da literatura Brasileira**. -43 eds. – São Paulo: Cultrix, 2006, pg. 389.

<sup>7</sup> Idem

Contudo, é importante citar que o romance regionalista do Nordeste foi responsável por dar sequência ao projeto modernista, adequando-se à realidade ou, em outras palavras, é menos um rompimento para impor uma nova estética que a apropriação de valores estimulados pelos modernistas da semana de 1922.

Diante da possibilidade de correspondência entre os elementos literários que compõem o romance e os fatos do mundo exterior, através da retomada de experiências, é que podemos encontrar José Lins do Rego e sua última obra do ciclo do açúcar, intitulada *Usina* (1936), como representação dessa nova narrativa participativa das ações sociais.

Na obra de Lins do Rego, o ciclo da cana-de-açúcar é composto por: *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangue* (1934), *O moleque Ricardo* (1935) e *Usina* (1936), sendo o romance *Fogo Morto* (1943), considerado por muitos críticos, como obra integrante dessa coletânea - ainda que muitas vezes venha desvinculada da composição - embora apresente ideias de continuidade dos relatos referentes à sociedade açucareira em seu declínio.

José Lins do Rego Cavalcante nasceu na cidade de Pilar, na Paraíba, no ano de 1901, e desde criança morou com o avô no engenho Corredor, que mantém firme sua estrutura até os dias atuais. Neto de senhor de engenho, Lins desde muito cedo parece refletir sobre a vida e as contradições que observava no modo de organização do engenho e da sociedade. Talvez, daí tenha surgido a necessidade de elaboração da primeira obra, cujo enredo em muito se assemelha às suas próprias experiências. Por essa razão, *Menino de engenho*, a primeira obra do ciclo, é classificado por muitos como uma obra de cunho memorialista.

Assim como Carlos de Melo - protagonista da obra de abertura do ciclo -, Lins desviou o caminho previsível, que seria o de dar continuidade aos negócios do avô e formou-se advogado aos 22 anos de idade, no ano de 1923. Em 1925 foi nomeado promotor público da cidade de Manhuaçu, em Minas Gerais, e em 1926, já casado com D. Filomena (Naná), transferiu-se para Maceió, onde veio a colaborar com o *jornal de Alagoas* e fazer parte do grupo de Graciliano Ramos, Raquel de Queirós, Aurélio Buarque de Holanda entre outros.

Sendo uma referência de bastante influência em meios aos intelectuais da época, José Lins teve como companheiros, tanto na política quanto em sua vida literária e pessoal, nomes como Gilberto Freyre e José Olympio, o que acabou por potencializar ainda mais seu envolvimento em meio a literatura e à construção do Partido Comunista

Brasileiro, embora soubesse bem como separar os dois ofícios em suas atividades de produções literárias.

Notamos que, ainda que tenha dado foco às questões sociais e ao declínio dos engenhos de açúcar, Lins dominou a estética literária, sabendo equilibrar a dose necessária da análise voltada para a observação da sociedade da época com os elementos de estética, o que resultou na constituição de um bom romance. Por essa razão tem sua primeira obra positivamente recepcionada pela crítica e pelos leitores, em geral.

Porém, seu maior encontro foi com um dos mais renomados editores do século XX, Jose Olympio. Pode-se afirmar que para além da relação profissional, entre editor e romancista, uma relação de amizade e confiança se construía. De um lado, José Olympio editorava todas as obras de José Lins que, por sua vez, apresentava ao editor outros intelectuais, que encontravam em Olympio uma fonte segura e confiável para a publicação de suas obras.

Embora muitos considerem Olympio como homem social, cujo talento para os negócios o impunha uma neutralidade como opção política, não podemos negar que sua simpatia às obras de cunho social dos autores do regionalismo, de alguma forma seduziam-no discretamente. Como bom empreendedor, José Olympio não optava por suas edições de modo a separar os comunistas dos que defendiam um padrão capitalista de sociedade. De acordo com Dias <sup>8</sup>:

A situação ímpar de José Olympio pode ser verificada também pelo fato de que não publicou apenas escritores supostamente de esquerda, mas também integralistas e, finalmente, nos anos do Estado Novo, abraçou, ainda que involuntariamente, estratégias de propaganda do regime, editando, por exemplo, Getúlio Vargas e Lourival Fontes. (DIAS, pg. 5)

Outra personalidade bastante importante para Lins foi Gilberto Freyre, sociólogo contemporâneo do autor, cuja experiência de vida, muito se assemelhava à de Lins, o que possibilitou uma aproximação que ultrapassava as questões literárias. Grandes amigos e confidentes, costumavam trocar cartas, cujo conteúdo exprimia um sentimento recíproco de confiança e admiração.

---

<sup>8</sup> DIAS, Silvana Moreli Vicente. Programa de pós-doutorado, Instituto de Estudos Brasileiros – Universidade de São Paulo.

Ao todo contam-se 238 correspondências, onde dialogam sobre questões existenciais e as infinitudes do próprio ser. Ao contrário dos temas abordados nas obras desses dois autores, as cartas delatavam um caráter intimista, de modo que desnudavam o aspecto austero do sociólogo e do romancista, rompendo com máscaras e estereótipos.

Em relação ao conteúdo das cartas, de acordo com Cauby Dantas<sup>9</sup>:

Boa parte das cartas trocadas entre os amigos tratavam de diversos assuntos, merecem destaque, comentário sobre conceitos, categorias regionais e linhas de interpretação usadas, por um e outro, em forma de conselho, sugestão, revisões. Outro tema, em menor quantidade, foram as de caráter mais intimista e privado. Chegou-se a tratar de temas tais como: dívidas contraídas, dificuldades financeiras, sofridas principalmente por Gilberto Freyre, doenças na família, entre outros assuntos. (DANTAS, 2015. Pg. 10-11)

Por outro lado, além desta questão epistolar, é importante ressaltar a influência que um exercia sobre o outro, a partir da elaboração de obras que refletiram, de modo significativo, a formação do Brasil; um pelo modo sociológico, relatando os meios, a formação do povo brasileiro pelas vias da sociedade patriarcal e do tradicionalismo agrário; o outro, pela narrativa ficcional, inserida neste contexto delineado por Freyre.

Ou seja, visualizando de outro modo, podemos afirmar que os dois autores tinham muito em comum, não só pela cronologia com que ambos dão início a vida como escritores, sendo José Lins em 1932 e Gilberto Freyre em 1933 mas, principalmente, pelo fato de compartilharem de um percurso semelhante, no que tange as suas experiências. Ambos originários da casa grande, observadores desse processo, que tão rapidamente culminou no declínio dos engenhos e nas transformações dos espaços físicos e sociais.

Em 1955, José Lins foi eleito e convidado a ingressar à Academia Brasileira de Letras, mas em 1957 faleceu, deixando como legado a experiência bem-sucedida do romance social. Entre as obras de maior visibilidade encontramos *Usina*, romance último, que encerra o ciclo da cana de açúcar e confronta o leitor a refletir sobre o modelo econômico instalado no Brasil, que devora gente, terra, tempo e o espaço.

O autor se expressa com uma linguagem acessível e mais próxima do leitor, filtrando a realidade para utilizá-la como matéria prima de sua narrativa. A ocorrência dos fatos históricos que surgem a todo instante, como datas referenciais, (cheias dos rios), os contos da peleja dos cangaceiros, a antiga relação da região com o homem e a

---

<sup>9</sup> DANTAS, Cauby. *Gilberto Freyre e José Lins do Rego*: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2015.pgs. 10-11.

natureza, requisitadas pela memória, o folclore, são os elementos composicionais do romance.

A tentativa de se delinear essa sociedade em crise é bem desempenhada por José Lins, que buscou nas relações de trabalho o sustentáculo, ou pelo menos a razão que fundamentasse a organização desse novo sistema e suas consequências. Ora, ao passo que a economia se define, é natural que se consolidem, simultaneamente, as novas relações em sociedade, e a partir disso, um novo meio, novo espaço vai sendo ressignificado. Ademais, continuam resistindo como pedra angular da ficção, a liberdade linguística, conquista dos modernistas de 1922, e a orientação dos estudos voltados para o nacionalismo e o subdesenvolvimento do país.

Gilberto Freyre, em *O manifesto regionalista*, buscou dar vulto ao conjunto de hábitos e costumes que configuravam a identidade nordestina no Brasil. Mais uma vez espaço e natureza associam-se ao paradigma do trabalho, desde a representação da ocupação das baianas e negras no preparo e na venda de suas quitandas nas praças públicas, às tarefas executadas pelos *legisladores e estadistas* - como diz Freyre - ou na produção da cana de açúcar, onde o trabalho acompanhava o crescimento, o retrocesso e o avanço do meio social.

Neste sentido, notamos a importância de desenvolvermos uma análise voltada para a constituição dos espaços no Nordeste, especificamente Recife e o interior da Paraíba, num período que compreende o declínio dos engenhos à ascensão das usinas, tal como diagnosticarmos os aspectos determinantes no processo de transição econômica, que também foi política, social e cultural.

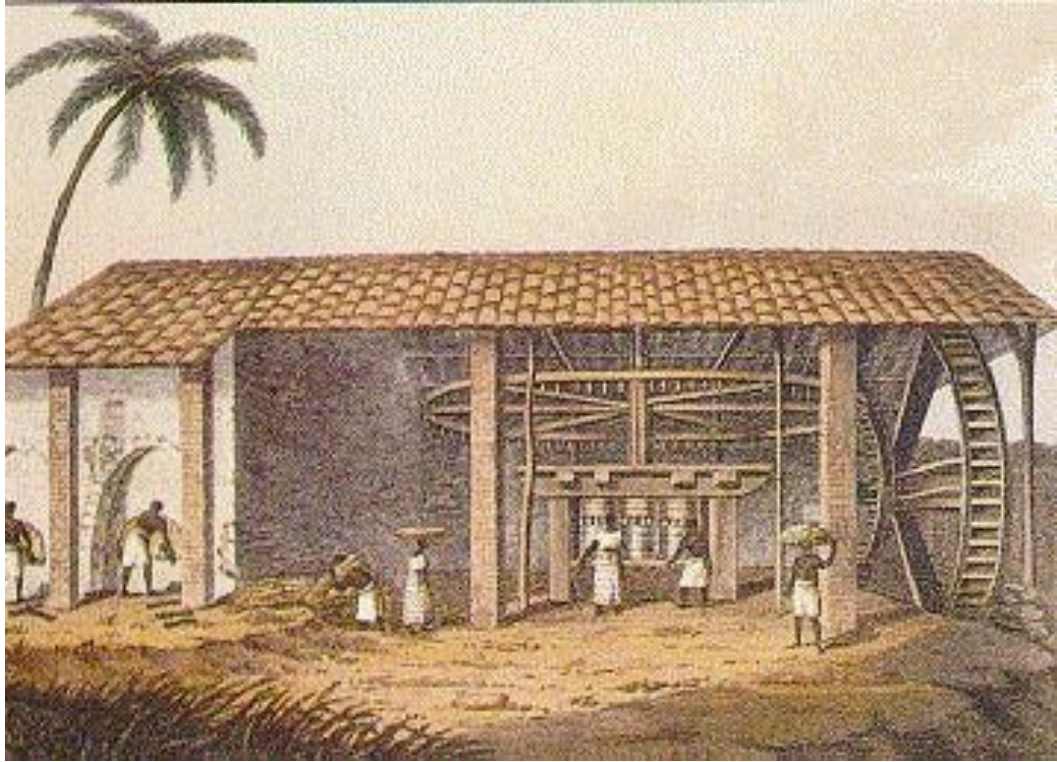
Diante disso, no primeiro capítulo buscaremos analisar o uso do conceito de região e regionalismo, à luz de Gilberto Freyre, Mirlei Fachini, Milton Santos entre outros sociólogos e geógrafos. No segundo capítulo, temos como objetivo fazer um estudo sobre o processo de modernização do Nordeste no século XX, considerando os espaços efetivamente ligados às transformações sociais de Recife e da área de produção do açúcar.

Em seguida, focalizaremos o plano da obra, de modo a analisar a estrutura narrativa utilizada por Lins e sua relação com a construção dos espaços definidos na ficção.

No quarto capítulo, buscaremos desenvolver a análise acerca do paradoxo existente no conceito de liberdade, uma vez que podemos captá-lo sob diversos pontos de vista. Objetivamos ainda, no quinto capítulo, analisar o papel e efetividade do protagonista invisível, caracterizado pela figura de Ricardo; e por fim, observarmos o

desenvolvimento da economia respaldada no processo de produção do açúcar e sua culminância na produção da pobreza e precarização da vida e do trabalho no Nordeste do século XX.

## I. DO CONCEITO DE REGIÃO AO REGIONALISMO DO MANIFESTO DE GILBERTO FREYRE



Moenda típica dos engenhos de Pernambuco no século XVII. <sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.delanocarvalho.com/Pages/Engenhos.aspx>

## I. DO CONCEITO DE REGIÃO AO REGIONALISMO DO MANIFESTO DE GILBERTO FREYRE

Durante o século XX o conceito de região foi estudado através de meios empíricos, considerados como meros dados do ambiente ou da paisagem, em dependência com as observações de geógrafos que, por seus métodos, imprimiam suas formas de reconhecer e impor limites ao objeto observado. De acordo com Milton Santos <sup>11</sup>, a região foi durante muito tempo analisada como uma entidade autônoma distanciada do restante do mundo, podendo este ser imaginado como a união de diversas regiões autossuficientes que não se relacionam entre si.

Em fevereiro de 1926, no Recife, surgiu o Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo, com o intuito de instaurar uma nova roupagem ao conceito de região, até então considerado. O evento contou com a presença de um grupo heterogêneo de intelectuais que, focado na luta pela permanência da cultura e identidade, colocou o Nordeste em evidência como região de importante singularidade, e contribuiu para o saldo positivo no processo de valorização da história do Nordeste e da pluralidade da cultura local.

O debate centrou-se na valorização do Nordeste como região rica econômica e culturalmente. A conjuntura focada no processo de desenvolvimento do Sudeste, delatou um contexto sobre o qual o Nordeste estava restrito apenas à produção de mercadorias e ao desgaste ambiental, num ciclo constante e ofensivo gerador de exploração da força de trabalho e de precarização das vidas.

De acordo com o artigo *O Recife dos anos 1920*, publicado pela revista eletrônica GGN <sup>12</sup>, naquele início de século o Recife contava com uma população demográfica de aproximadamente 238, 843 pessoas, e era considerada nacionalmente como grande centro comercial devido ao fato de possuir, toda a região de Pernambuco, 55 usinas, 1035 engenhos e indústrias de algodão, estimulando assim a produção em maior escala desses dois produtos.

Considerando Pernambuco como o primeiro grande produtor de açúcar, o segundo de algodão, o sexto produtor de café, o oitavo de feijão e a nona região onde

---

<sup>11</sup> SANTOS, Milton. **Metamorfose dos espaços habitados, fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. Hucitec, São Paulo. 1988.

<sup>12</sup> SILVA, Leonardo Antônio Dantas. **O Recife dos anos 1920**. Revista GGN, 2013. Disponível em <https://jornalggm.com.br/documento/o-recife-dos-anos-de-1920>

mais se plantava milho, observamos que a discrepância aponta para um panorama em que a produção de alimentos havia sido secundarizada, ou seja, gastava-se muito mais recurso, extensão territorial e tempo com a produção de mercadorias para exportação que com a produção de alimentos.

O Manifesto Regionalista surge com o intuito de ressaltar a cor local, a mistura das cores, dos sabores, das frutas exóticas, que aos poucos foram perdendo espaço para a monocultura e a produção excessiva voltada para o mercado. De fato, os modernistas da semana de 1922 muito contribuíram para a reflexão em torno da necessidade de se alargar os limites que colocavam em evidência apenas o Sudeste, e diante disso fomentaram o surgimento de uma expressão estética renovadora, no que tange as características estruturais da literatura.

Os modernistas não apenas propuseram novos moldes ao estilo literário modernos como problematizaram a hegemonia da cultura estrangeira na literatura nacional. Em consequência dessas construções e, em relação às personagens e inferências aportadas pelos modernistas de 1922, podemos afirmar que o movimento não só estimulou estereótipos que colocaram em evidência o país como serviu de referência para os intelectuais que proporcionariam a estética posterior.

Podemos afirmar que *O manifesto regionalista* de Freyre tinha como objetivo a interagir com as manifestações culturais que ocorriam no estado de São Paulo, em plena deflagração política relativa à crise do café com leite, na Semana da Arte Moderna, com o intuito de conferir maior visibilidade às regiões do Nordeste e valer-se do ensejo para fomentar denúncias contra a forma com que estadistas e legisladores conduziam o processo de instauração da modernização e desenvolvimento do país, em especial, do Nordeste brasileiro.

A problemática da região foi marcante e sintomática, pois, para os regionalistas a região deveria ser considerada um espaço autônomo deliberativo, quando relativo a economia e decisões políticas, isto porque, para esses intelectuais cada região possui suas características e identidade preservadas pela herança e memória e, o contrário disso, incorreria no mesmo erro do insulamento, na qual a região mais rica subjugaria as outras.

Em relação ao Gilberto Freyre (1929)<sup>13</sup>, quem mais se empenhou para a construção do manifesto, é acertado afirmar que a busca por destacar os valores da cor local da cultura nordestina, sobretudo, com o olhar do homem nativo criado no interior da casa grande, em meio aos engenhos, definiu o espaço social, local e regional, no plano micro e macro, a partir das marcas da memória, desdobradas entre as disputas políticas que se desenrolavam no seio da metrópole regional, que era o Recife, e até mesmo a valorização da culinária cosmopolita que guardava em sua essência os sabores realçados pela identidade de um povo único em sua mestiçagem, sem que fosse necessária a imposição nacional contra as influências estrangeiras, como se pode notar no seguinte trecho, na caracterização do movimento:

Seu fim não é desenvolver a mística de que, no Brasil, só o Nordeste tenha valor, só os sequilhos feitos por mãos pernambucanas ou paraibanas de sinhás sejam gostosos, só as rendas e redes feitas por cearenses ou alagoano tenha graça, só os problemas da região da cana ou da área das secas ou da do algodão apresente importância. Os animadores desta nova espécie de regionalismo desejam ver se desenvolvem no País outros regionalismos que se juntem ao do Nordeste, dando ao movimento o sentido brasileiro e, até americano, quando não mais amplo, que ele deve ter. (FREYRE, 1996. Pg. 1-2)

Partindo deste entendimento – em relação ao manifesto e seus objetivos - cabe aqui ressaltar que, o apelo ao termo regional, em detrimento a ideia de “*pernambucalidade*”, implica na forma de diferenciação do território sem, contudo, excluir os caracteres estrangeiros que compunham as identidades. Todavia, é possível notar que o fenômeno da região e da regionalização estão inseridos num campo complexo de ações conduzidas e relativas ao espaço, tal como da sua organização.

O geógrafo Mirlei Fachini<sup>14</sup>, em sua pesquisa sobre as Potencialidades da análise regional no estudo das tendências de modernização e fragmentação do território, reflete sobre a existência de nuances e considerações acerca da regionalização. Fachini afirma a possibilidade de se dividir o seguinte termo em dois marcos distintos, de modo a facilitar a análise e apreensão de suas propriedades específicas. São eles: Regionalização como fato e regionalização como ferramenta.

No entanto, antes de os definir, para que haja um melhor entendimento, é importante explicar que esta elucidação do fato e da ferramenta serve, antes de tudo,

---

<sup>13</sup> FREYRE, Gilberto. O manifesto regionalista. 7 ed. Recife: FUNDAJ, ED, Massangana, 1996. Pg. 1-2.

<sup>14</sup> FACHINI, Mirlei. **Potencialidades da análise regional no estudo das tendências de modernização e formatação do território.** Revista de C. humanas, vol. 9, nº I, p. 13-22, jan./jun. 2009;

como meio de se analisar as manifestações das particularidades e idiosincrasias relativas à Paraíba, espaço abordado pela obra de José Lins do Rego. Ademais, justifica-se a observação dessas duas descrições pela problematização levantada por Freyre no *Manifesto regionalista*, sobre a defesa da necessidade de articulações inter-regionais.

Logo, pode-se determinar o fato como o conjunto de informações e códigos inerentes a região, sendo concebidas em associação à origem e desenvolvimento do meio e, ao mesmo tempo, isenta das ações imperativas da política, das relações sociais, culturais e econômicas; ao contrário da regionalização como ferramenta, que depende e é frutos desses fatores. Mirlei alega que, “a regionalização como fato é aquela que independe da ação hegemônica do presente, ou seja, das forças econômicas e políticas que dominam o território”<sup>15</sup>.

Por outro lado, a concepção de regionalização como ferramenta constitui-se pelas próprias ações hegemônicas, na dinâmica contextual da região. Ou seja, é no próprio meio de organização social, “no planejamento conduzido pelo Estado”<sup>16</sup>, que se encontram as bases de sustentação para a compreensão do sentido da região. Ora, a alegação desta tese leva a crer que para se analisar a regionalização como fato é necessário, antes de tudo, o resgate do conjunto de experiências relativas ao passado, responsáveis por dirigir e demarcar as expressões e aspectos próprios da região.

Em outras palavras, deve-se considerar em primeiro lugar a existência da região, como uma extensão territorial marcada pelo clima e outros aspectos geográficos, e em segundo lugar, a existência da regionalização, que incorre no modo de se conceber a região, a partir dos elementos que englobam um método de análise, como impressões culturais, sociais e políticas, assim como ações deliberativas do executivo, legislativo e judiciário.

Contudo, é importante afirmar que da sobreposição das regiões sociais às naturais surgem constantes movimentos de (re)construção dos espaços sociais por ações verticais, que acabam por demarcar ações isolacionistas e negligentes, ainda que inconsciente da relevância regional para o país. Apoiada neste argumento, da negligência do Estado em olvidar a importância das regiões em suas particularidades, é que o Manifesto se propõe a ser a *avant-garde* desse novo movimento artístico de ideias engajadas e políticas.

---

<sup>15</sup> PEREIRA, Mirlei Fachini Vicente. Duas palavras sobre o fenômeno da região. Revista de C. Humanas, vol. 9, nº I, p. 16, jan./jun. 2009.

<sup>16</sup> Idem, pg. 17

É evidente, portanto, que a apreensão do conceito de região, tanto em relação ao Manifesto quanto à obra de José Lins do Rego, consiste em demarcar um fator importante que é a transfiguração do espaço regional e seu vínculo com o trabalho. Georg Simmel <sup>17</sup> foi o precursor, no campo das ciências sociais, em determinar, pretensamente, a definição de espaço em seu ensaio intitulado *Sociologia do espaço*. Sua contribuição passou a ser analisada sob inúmeras perspectivas sendo a literatura uma delas; porém, é possível constatar uma mudança na concepção do termo em relação a interação humana, que procede de modo muito mais próximo às interpretações de Freyre e Lins, como se pode notar na inferência de Antônio Teixeira (1992) <sup>18</sup>, ao dizer que:

Considerado por Georg Simmel e posteriormente difundido por Raymond Ledrut, o conceito de espaço social é actualmente utilizado em sociologia para designar sobretudo o campo de inter-relações sociais. Todo o sistema de relações se inscreve num espaço em que se associam estreitamente o lugar, o social e o cultural (TEIXEIRA, 1992. Pg. 1-2).

Certamente, a análise do espaço será referenciada nos diversos aspectos de modificação do ambiente, que se apresenta como o efeito das transformações econômicas que ocorreram em uma conjuntura determinante tanto para o interior da Paraíba quanto para o Recife, num processo de ingerência das ações econômicas, que não só motivou a noção falha e ilusória de progresso, como mascarou a pobreza e o deslocamento do meio a partir da fragmentação territorial.

A referência ao “imediatismo cego na conduta do colonizador, na ação de modificação do espaço”<sup>19</sup>, citado por Josué de Castro em *Geografia da fome* (1984), corrobora esta análise, sob a ótica da dominação de uma cultura estrangeira, eivada pelo ímpeto do crescimento econômico, em terras propícias a produção abundante, que estimulou o subdesenvolvimento, e junto a ele, a identidade frágil e subjugada aos modelos europeus que provocou uma reconfiguração do meio social.

---

<sup>17</sup> Georg Simmel (Berlin 1858- Estrasburgo 1918) foi um sociólogo alemão e precursor das discussões epistemológicas voltada para a determinação dos objetos no campo das ciências sociais. Influenciado por Kant, Simmel desenvolveu a das formas sociais e em seus estudos abordou não somente determinantes quantitativos da vida social como elaborou teses que consideravam a existência de conflitos entre os indivíduos em sociedade. Entre as principais obras publicadas, está a *Soziologie des Raumes* (sociologia dos espaços), publicado em *Jahrbuch für Gesetzgebung, Verwaltung und Volkswirtschaft im Deutschen Reich* (nova série, ano 27, v.1, Leipzig, 1903, p.27-71) – encontra-se à disposição do leitor no IEA-USP para eventual consulta.

<sup>18</sup> FERNANDES, Antônio Teixeira. Espaço social e suas representações. Comunicação apresentada ao IV Colóquio ibérico de geografia, Porto, 1992.

<sup>19</sup> CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. Rio de Janeiro, edições Antares, 1984, p.107.

No entanto e, de acordo com Georg Simmel, não é possível considerar o meio como causa primeira das interações sociais, muito menos como o escopo das observações humanas; pois para ele um significado de tal termo se destaca nas “figurações espaciais das coisas” e dos fatos. Isto quer dizer que, em sua referência a função das artes plásticas <sup>20</sup>, que coloca a noção do espaço e da espacialidade como *conditio sine qua non* dessas figurações, é presumido seu papel secundário, intermediado pela necessidade de se sorver a essência de cada particularidade. Busca-se o cerne das ações harmônicas entre natureza e homem, entre o homem e o próprio homem inserido em tal meio, mas é razoável e insuficiente a centralização do ambiente por si só, como força singular da constituição do espaço social.

Considerando o contexto do Nordeste de 1930, a representação do espaço e sua organização passam, antes de tudo, pelas experiências cognitivas e intelectuais dos indivíduos em sociedade. O imaginário incide no ato da criação, das leis, dos hábitos, dos costumes e, em consequência disso, ressignifica o meio.

A lei de terras, a formação dos grupos dominantes donos de consideráveis latifúndios, até mesmo, a substituição dos engenhos pelas usinas, figura-se como a decorrência do objeto imaginado, ou seja, o resultado de unidades que antes passaram pelo crivo do intelecto pertencente a um grupo. O que não quer dizer que Simmel despreze as experiências individuais, ao contrário, as considera de suma importância na composição do espaço social, como fragmentos do coletivo.

No entanto, é importante ressaltar que no bojo dessa análise há diferentes formas de compreensão do meio quanto a sua construção e seus vieses. A assimilação do conceito de espaço, como ponto significativo das relações humanas, depende da percepção do elo existente entre esse conceito e a construção da cultura, ao mesmo tempo em que é inerente ao resgate histórico e à própria constituição do meio. O espaço físico, constituinte de um dado contexto, existe com todas as suas particularidades denotativas, sendo representado por elementos que o constituem.

Na Paraíba e em Pernambuco, por exemplo, cujas características geográficas e física compõem-se por um ambiente de clima quente e chuvas abundantes, com o solo

---

<sup>20</sup> Referência ao exemplo utilizado por Simmel no texto *Sociologia do Espaço*, pg. 75: *Em vários casos, não será diferente com o significado do espaço. Se uma teoria estética proclama que a função essencial das artes plásticas é fazer-nos sentir o espaço, ela não atenta para o fato de que o nosso interesse se centra exclusivamente nas figurações3 especiais das coisas, e não no espaço ou na espacialidade em geral, que apenas constituem a conditio sine qua non de tais figurações, sem, contudo, perfazerem a essência particular dessas mesmas coisas ou serem seu fator gerador.*

de terra avermelhada, típico do Nordeste, é possível apreender um conjunto de características que definem o espaço físico e o determinam, através da representação.

O espaço também é construído através da ação circunstancial dos homens, no requinte da culinária, na elaboração das suas leis, no desenvolvimento da linguagem, das vestimentas, dos hábitos, enfim; detalhes que vão, aos poucos, produzindo um rascunho de uma sociedade sujeita às novas transformações.

Decerto, não se pode negar que são os elementos característicos, físicos e materiais, foco primário na percepção de um espaço que, por conseguinte, não passa, ou raramente passa pelo crivo da dúvida. Entretanto, a participação cognitiva deste processo de construção é fundamental, por se tratar de uma parte basilar no decurso necessário para a assimilação dos elementos que compõem um dado meio.

Como dito anteriormente, a ação epistemológica, integrante da criação ou reconstituição do espaço social, pode ser compreendida pela capacidade de criação de normas e costumes de uma determinada sociedade, que antes de se tornar objeto denotativo, concreto, passa pela atividade intelectual, dando materialidade ao produto imaginado. Isto quer dizer que, todas as marcas de cultura existentes em uma civilização, foram antes elementos abstratos, assim como a existência material dos hábitos, das indumentárias, da ordem e até mesmo do poder, tal como afirma Georg Simmel <sup>21</sup>:

É no requisito de funções especificamente anímicas para cada uma das figurações históricas do espaço que se espelha o fato de que o espaço em geral, é apenas uma atividade da alma, uma maneira humana de unir estímulos sensoriais em si desconexos em visões unitárias (SIMMEL, 1903, p. 76).

Logo, toda a existência material foi, antes de tudo, protótipo das funções anímicas, como citado por Simmel. A riqueza dos costumes regionais, ressaltados pelos romances regionalistas de José Lins, como a cultura heterogenia, que conseguiu unir identidades tão díspares entre as africanas, as europeias e as indígenas, antes mesmo de se tornarem monumento histórico e cultural da sociedade nordestina, foram idealizadas e arquitetadas no plano do imaginário, muitas vezes, até mesmo materializadas para só depois se tornarem patrimônio comum de toda a sociedade.

---

<sup>21</sup> SIMMEL, George. Sociologia do espaço. Artigo publicado na nova série do célebre Jahrbuch Für Gesetzgebung Verwaltung und Volkswirtschaft im Deutschen Reich, ano 27; v. 1, 1903. Pg. 27-71.

Contudo, todo esse influxo cognitivo relacionado ao espaço encontra-se submetido à noção de temporalidade, e sua efetividade e duração, à memória. Em relação ao tempo, é possível entendê-lo como o produto da interpretação humana; como a resultante de sua ação e forma de se pensar e organizar sua existência; mas também, pode se configurar como manifestação marcada e pontual, que registra contextos e circunstâncias, sendo coadjuvante na apreensão de uma imagem que se faz de determinado espaço, e que se perpetua através da memória coletiva e individual, num exercício constante de apreensão, assimilação e ressignificação simbólica.

Para muitos, o tempo é apenas uma representação científica do que antes passou pelo exame do cognitivo, mas que serve como instrumento na organização do homem em sociedade, dando noção e referências acerca de sua realidade. Antes mesmo do afloramento do ciclo da cana de açúcar, no sertão nordestino, a relação do homem com o meio deu-se em um tempo diferente do que se verificou no período da industrialização.

No cultivo da terra, era dada a devida importância e respeito ao tempo, na observação da capacidade do solo para não gerar esgotamento ou sua improdutividade; na atenção aos períodos sazonais que favoreciam a plantação e a colheita de alimentos; ou ainda no alerta às atividades naturais, tais como temporais, queimadas, períodos de seca ou cheias dos rios etc.

Porém, o ciclo do café, mais especificamente no Sudeste, que teve seu apogeu já no início do século XX, foi o prenúncio de um contexto que revelou uma economia remanescente e agonizante em meio aos novos mecanismos da agricultura moderna, que esbanjando condições para a superação do ciclo do açúcar, no Nordeste, mediante a inovação das técnicas e métodos de produção, advindos das experiências Europeias e Americanas, fomentou a alienação do trabalho, a desestruturação de todo vínculo harmônico entre o homem e a natureza assim como o deslocamento espacial. De acordo com Sérgio Buarque <sup>22</sup>:

Essas circunstâncias e mais o desenvolvimento das comunicações, sobretudo das vias férreas, que procuravam dar preferência as zonas produtoras de café, iriam acentuar e facilitar a relação de dependência entre essas áreas rurais e as cidades. Simplificando-se a produção, aumentou, por conseguinte, a necessidade do recurso aos centros urbanos distribuidores dos mantimentos, que outrora se criavam no mesmo lugar (BUARQUE, 2016, p. 307).

---

<sup>22</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: companhia das Letras, 2016.

A partir daí a natureza passa a ser o instrumento necessário do latifúndio e, paradoxalmente, deste movimento surge, então, a concepção de prosperidade e desenvolvimento advindos da representação de uma natureza rica e promissora, bela e repleta de viabilidades, como mera aquisição de vantagens intrínseca a concepção mais latente do que se tinha como modernidade, ao mesmo tempo em que se formava também a concentração de pobreza e o uso exaustivo da terra.

Aos antigos senhores de engenho a intervenção econômica projetou-se desfavorável, pois não possuíam condição para investirem em novas técnicas e maquinaria; aos artesãos, negros e outros trabalhadores a realidade não se fez diferente, visto que dependiam da relação patriarcal de trabalho; por outro lado, para os grupos oligárquicos, donos dos grandes latifúndios e detentores de novas tecnologias, a economia favoreceu a constituição de uma cultura e de um ambiente singularizado, cuja natureza lhes servia apenas como fonte de abastecimento e lucro.

Neste cenário, as mudanças sociais, políticas, culturais e ideológicas, que ocorreram no âmbito destas atividades, estavam associadas à reconstituição de um novo paradigma, isto é, de uma nova representação espacial, cujas bases estavam apoiadas na construção de um universo sintetizado para o usufruto de poucos, na supressão das demandas sociais que atendessem a toda população, principalmente do sertão nordestino.

Não obstante, o patriotismo ligado ao orgulho das apologias às riquezas ambientais, legitimou, por vezes, a noção de excentricidade cultural vinculada às novas perspectivas econômicas, encobrendo assim a fachada distorcida de uma realidade incongruente, que serviu para justificar uma época cujo subdesenvolvimento melhor cabia como definição para a situação econômica do país, utilizando a riqueza dos detalhes que compunham a cultura regional como pretexto para a exploração e produção descomedida do meio.

O fato é que, não só foi estimulada a produção excessiva, com vista a atropelos e rejeições em relação ao homem com a natureza, como estimulou-se, a partir de então, ideologias ufanistas de um nacionalismo cego e ilusório, que embora reconhecesse a importância das riquezas naturais para a produção, e o valor dos elementos que compunham a sociedade do Nordeste, colocavam em superioridade o modelo americano e europeu, o que contribuiu de modo determinante para um saldo na percepção do subdesenvolvimento como fruto desse processo de modernização.

Tão logo essa compreensão do subdesenvolvimento tornou-se mais ampla, principalmente nos grupos de intelectuais e críticos literários, que requisitavam uma resposta ou ato de resistência capaz de substituir a Canção do Exílio<sup>23</sup> - com todas as suas marcas de um lirismo inflamado que, muito provavelmente, ameaçava perdurar em exaltações e apologias nacionalistas - pelo novo poema de raiz, que desse visibilidade à existência da seca, dos sertanejos, da pobreza e de todos os aspectos que envolvessem a realidade regional. De acordo com Antônio Candido (1989)<sup>24</sup>:

Ora, dada esta ligação causal "terra bela - pátria grande", não é difícil ver a repercussão que traria a consciência do subdesenvolvimento como mudança de perspectiva, que evidenciou a realidade dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da sua incultura paralisante (CANDIDO, 1989. Pg. 141).

O aperfeiçoamento econômico que deveria ser partilhado de modo equitativo, ponderando especificidades, como a cultura e os costumes referentes ao campo e à capital, despendeu-se, no entanto, apenas para um dos lados, deslocando o significado e a essência do quadro representativo do sertão nordestino. Na literatura esse fato impulsionou o envolvimento dos artistas que se viam intimados a se posicionarem diante do “trama do mundo contemporâneo”<sup>25</sup>, na construção inovada de uma estética que expressasse um realismo áspero, ajustado a condição material.

Muitos foram os poetas e críticos que buscaram salientar as contradições; não apenas a partir das delações daquela realidade suntuosa, mas também, através do reconhecimento da heterogeneidade dos valores e das identidades, que juntos constituíam o espaço social brasileiro.

Foram mudanças intensas que refletiram nas artes e na literatura de forma determinante. O experimentalismo estético, como diz Bosi, referente a semana de 1922, influenciado pela relação dicotômica entre São Paulo e Paris, para muitos escritores regionalistas do Nordeste, surgiu de modo a amenizar os efeitos advindos desse subdesenvolvimento, fundamentados na natureza que muito tinha a oferecer por seu esplendor; a reforçar o exotismo do povo brasileiro, justificando em alegações pejorativas a construção de estereótipos que fomentava o sentimento de inferioridade;

---

<sup>23</sup> Dias, Antônio Gonçalves. **Poemas de Gonçalves Dias**. São Paulo: CUTRIX, 1968.

<sup>24</sup> CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1989. Pg. 141.

<sup>25</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**, 43º ed. - São Paulo: Cutrix, 2006, pg. 383.

assim como a ratificar a complexa relação entre a natureza bela, pátria valedoura e os retrocessos econômicos.

É possível se falar, então, da existência de duas constituições do espaço social delineadas: a primeira pelo antigo ambiente degradado, que ao invés de favorecer o progresso, culminou no subdesenvolvimento que forçava um avigoramento econômico e enjeitava toda possibilidade de existência; e a segunda paulatinamente construída, que ressaltava a cor local e a dimensão do regionalismo, em contraponto e resistência à modernização do campo. Duas ressignificações espaciais que aos poucos vão sendo compreendidas por suas propriedades, circunstâncias e criações, no decorrer do tempo e do registro da história.

Para melhor exemplificar, ao primeiro espaço constituído, restaram duas representações: uma ligada à capital, cercada pela euforia das renovações urbanística, como construções de vias férreas; das políticas públicas, dos hábitos e costumes transformados e da nova relação de trabalho em Recife, outra relativa a realidade do campo, na região da cana de açúcar onde nas terras consumidas pelas atividades da monocultura foi possível se encontrar o retrato de um esfacelamento cultural que aos poucos foi se acirrando vigorosamente, evidenciando o declínio do interior que outrora havia sido espaço de exorbitante beleza e disputa de poder.

O êxodo rural, tornou-se a principal forma de superação dessa nova realidade, que no sertão foi aos poucos configurando um ambiente pouco habitado, onde os pés de frutas, antes abundantes, desapareciam para dar lugar a plantação de cana, onde os rios secavam devido ao latifúndio e, posteriormente, à monocultura do café e à agropecuária

## II. A MODERNIZAÇÃO DOS ESPAÇOS SOCIAIS NO SÉCULO XX



O Recife nos anos 20. <sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Disponível em <<http://jornalggn.com.br/documento/o-recife-dos-anos-de-1920>>

## II. A MODERNIZAÇÃO DOS ESPAÇOS SOCIAIS NO SÉCULO XX

Antes de começar este capítulo, é importante ressaltarmos que *Usina* se refere a uma obra publicada no ano de 1936, que possui referências a fatos ocorridos nas primeiras décadas do século XX. A cronologia interna à narrativa, portanto, está relacionada ao período recente de libertação dos escravos e no desenvolvimento dos modos de produção do campo.

Esta afirmação procede das inúmeras informações cedidas pelo autor, associando o tempo do romance a fatos relevantes como a liberdade dos negros em se deslocarem no espaço da narrativa, assim como a apresentação do contexto econômico representado pela modernização das usinas e dos ambientes públicos.

Além de demarcar a transição do modelo econômico, através da representação dos engenhos em declínio e do avanço das usinas, o narrador também se refere à fatos históricos reais, como as datas referentes as cheias do rio, a figura do cangaço, da ocorrência de comentários acerca da existência pretérita dos capitães do mato, enfim, a fim de evitar incoerências e imprecisões na interpretação do tempo da obra.

Essas questões são de fato de suma importância, visto que falar sobre o período de modernização, abarca inúmeros acontecimentos e fatos que ultrapassam as questões econômicas, além de que antecede, certamente, a década de 30, que possui como referência a industrialização sob influência europeia.

A instabilidade econômica e política geral que assolou o país permaneceu latente, mesmo durante o processo de industrialização e, embora cause certa inquietação, mediante a contraditoriedade do desenvolvimento versus a instabilidade, esta constatação corrobora a ideia de uma revolução industrial questionável, demarcada por complexidades, pois, ao mesmo tempo em que o avanço da indústria fortalecia a classe de abastados, forçava o surgimento e o aumento da pobreza.

O paradoxo da industrialização encontra-se na forma como é apresentada sua estrutura determinante, de que para prevalecer sobre o antigo modelo econômico e continuar tendo sequência em seu processo, que, por sinal será sempre superado, é necessário um aumento da riqueza nas mãos de poucos, e como consequência, a distribuição da pobreza para a maioria.

Para não parecer incoerente, é importante explicar que o aumento da riqueza apenas associa-se à população quando relacionada à necessidade da venda da força de trabalho, para o aumento da produção que, mediante a engrenagem hostil da indústria

mecanizada e moderna, não dá ao trabalhador o fruto do seu esforço, mas apenas parte irrisória dele, restando ao dono do meio de produção, a parcela maior do que foi produzido.

Deste modo, é possível afirmar que novas formas de adaptação social surgiram, resultando em:

- a) Novas relações de trabalho – pois o contrato deixa de ser entre “o dono” e escravo para ser uma relação de trabalho assalariado, embora este salário por vezes substituído por vales nos espaços rurais tenha sido, em várias circunstâncias, redefinido de modo a atender as ganâncias do empregador, cuja noção de valor jamais equivalia ao justo e necessário para a subsistência do povo pobre. Ao mesmo tempo, alguns viram nesse novo sistema a formula para prender o trabalhador à terra, num processo semelhante ao feudalismo, em que para não perder o empregado, oferecia a ele uma pequena parte de sua propriedade para o cultivo do seu próprio sustento em troca de trabalho que, geralmente, acabava por levar o trabalhador à dívida ainda maiores.
- b) Nova relação social – pode-se afirmar que a nova estruturação do sistema econômico da época estremeceu as pilastras de sustentação, não só econômica como também social. No âmbito familiar, muitas pessoas, em busca do meio de sobrevivência ao novo sistema hermeticamente exclusivo e opressivo de industrialização, deslocaram-se para as grandes cidades à procura de oportunidades e inserção nesse novo modo de vida, até então desconhecido. A sedução de uma vida moderna entre a arquitetura, o convívio social na capital, os primeiros carros luxuosos que desembarcavam no porto, os hábitos e capacidade de consumo, saltavam aos olhos induzindo muitos a abandonarem o interior para serem submetidos à semelhante relação opressiva de trabalho, porém, em novas terras. Além do distanciamento da família – ressaltando que sorte tinham os que algum dia conseguiam encontrar seus familiares após anos da vida na capital – muitos homens e mulheres foram marginalizados e isolados em ilhas, conhecidas na

época como colônias correcionais<sup>27</sup>. A Vida na capital foi para muitos trabalhadores como a utopia transformada em cinzas.

- c) Evidentemente, o declínio do açúcar no Brasil foi uma das razões pela qual a economia teve de ser reformulada e, em consequência disso, toda a estrutura social ao seu redor, como os costumes, relações interpessoais etc. Porém, não seria engano dizer que o processo de industrialização, que se inseriu no país sob a camada espessa do pretexto da modernização, desprezou a natureza das identidades, impondo um modo inovador nas relações sociais internas de cada região no país. Em outras palavras, a emergência da modernização, defendida pela elite, desconsiderou os aspectos que determinaram há anos o ser regional.
- d) Uma reformulação cognitiva de pensamento, muito mais ligada à questão moral que às ações epistemológicas individuais. Não obstante seja uma mudança que acompanhou toda a caminhada rumo à modernidade, foram transformações ilusórias em certo ponto, pois muitos dos valores fomentados pela elite da época dos engenhos, apenas foram reformuladas e adaptada para um outro contexto mais opressivo, como a questão do patriarcado, as contradições sociais, a hierarquia incompatível que envolve trabalho, política e economia.

Em outras palavras, ocorreram muito mais reformas que mudanças radicais, no sentido estrito da palavra, visto que muitos aspectos continuaram a existir e permaneceram com a mesma força de antes. Para melhor compreendermos esse processo, retornaremos à alguns instantes na história, de modo a assegurar que este momento focalizado no trabalho, não seja compreendido de modo descolado de uma sequência de acontecimentos que culminaram em um contexto maior.

Começemos por analisar a República Velha (1894-1930), período de alternância do poder entre São Paulo e Minas Gerais (Política do Café com Leite), que decorreu em simultaneidade com o processo de industrialização do país. Nesse contexto deu-se a

---

<sup>27</sup> De acordo com Myrian Sepúveda dos Santos, autora do artigo *A prisão dos ébrios, capoeirista e vagabundos no início da era republicana*, foi no governo de Floriano Peixoto, em 1893, que a primeira colônia correcional foi construída, em Angra dos Reis (RJ), em um espaço conhecido como Ilha Grande.

necessidade de renovação literária, pois, a crise econômica e existencial perdurou durante um longo período, devido a escravidão e à I Guerra Mundial; e as manifestações socioculturais e todo influxo de tendências surgiram a fim de questionar a realidade, denunciar as contradições e provocar a reflexão quanto a conjuntura política, econômica, social e cultural do Brasil.

O tradicionalismo agrário, no entanto, com o desenvolver das formas de modernização, como o avanço das indústrias e da urbanização, aos poucos foi transformado, de modo que sua inserção no modelo econômico atualizado, deu-se através da minimização da importância nas deliberações políticas no campo em contraposição ao destaque dado a cidade.

Podemos entender esse período como uma fase em que a indústria modifica toda estrutura vigente até aquele momento, transformando o campo em um espaço mais mecanizado, e as cidades mais autônomas. No entanto, é importante frisar que a monocultura da cana-de-açúcar foi, por muito tempo, elemento essencial para o setor mercantil do país, o que não exime, de forma alguma, a importância do campo neste novo processo de modernização e industrialização econômica.

Para além disso, a semana de 1922 ergueu-se como uma das manifestações culturais no Sudeste, e como não poderia ser diferente, realizou-se na cidade de São Paulo. Ora, todos os elementos necessários à contestação ideológica do grupo que surgia, estavam presentes naquele espaço, e a grande cidade tornou-se a evidenciar-se, desta vez pelo viés cultural.

Neste processo de remodelagem dos espaços, devido ao acelerado movimento de industrialização, o Nordeste sofreu um insulamento em relação à cultura, à política, na valorização das identidades, nas questões sociais como um todo. O êxodo rural, provocado pela elaboração de um novo sentido ao antigo predomínio agrário culminou na hipertrofia urbana <sup>28</sup>, e muitos intelectuais da época buscaram representar esse período simbólico como forma de resguardar uma parte da história da sociedade que não deveria ser olvidada.

A obra de José Lins, contudo, foi publicada em um momento em que, o quadro conjuntural apresentado pela obra, já havia sido vencido pela reconfiguração de uma sociedade mais modernizada. Ou seja, a monocultura da cana para o fabrico do açúcar, a

---

<sup>28</sup>HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Pg. 303

pomposidade dos engenhos e, posteriormente, das usinas, havia sido suplantados pelo foco no café, e um novo modelo econômico de exportação.

O ciclo do açúcar, sendo uma sequência de romances de cunho memorialistas, assim é denominado devido à sua composição. Ou seja, considera-se memorialista por ser, ainda que indiretamente, narrações sobre os tempos em que o escritor vivera na casa grande, pois, tendo acumulado a experiência em meio às estruturas remanescentes do período do açúcar, Lins retornou em tempos pretéritos, a fim de representá-los na elaboração de seu romance.

*Usina* encerra o ciclo proclamando um novo período mais voltado para o monopólio das usinas, através da figura de um dos maiores usineiros da região da Paraíba, e desta forma, remonta o quadro da simulação histórica, erguendo mais uma vez o bueiro envelhecido que denotava a produção do açúcar, o patriarcado, o meio social e o centro do poder, antes agrário.

Na verdade, o período de industrialização econômica, de modernização da vida da sociedade contemporânea e de mudanças de paradigmas foram bem mais intensos em São Paulo e no Rio de Janeiro, mas não nas áreas do interior do país. No Nordeste, as mudanças aconteceram no âmbito da produção, ou seja, o cultivo do açúcar foi substituído pela produção e expectativa bastante positiva em relação ao café no Sudeste do país, devido as diferenças no cultivo <sup>29</sup> e na colheita, o que acabou por determinar novas formas de relações de trabalho, em decorrência da modernização dos meios de produção; assim como novos hábitos e costume dos que viviam no/do campo. De acordo com Sergio Buarque <sup>30</sup>:

Em verdade podemos considerar dois movimentos simultâneos e convergentes através de toda a nossa evolução histórica: um tendente a dilatar a ação das comunidades urbanas e outro que restringe a influência dos centros rurais, transformados, ao cabo, em simples fontes abastecedoras, em colônias das cidades (HOLANDA, 2016. Pg. 303).

No entanto, importante citar que a oligarquia fundiária deste período – se não for toda ela, grande parte pode ser considerada – mantinha com o campo apenas um vínculo de trabalho, sendo que sua residência e toda relação social deste grupo era estabelecida, principalmente, no espaço da cidade do Recife. Já os trabalhadores das usinas, os que

---

<sup>29</sup> De acordo com Sérgio Buarque, em *Raízes do Brasil*, a produção do café se dá de maneira diferente que a da cana de açúcar, pois *não exige tamanha extensão de terreno nem tamanho dispêndio de capital; o parcelamento da propriedade e a redução dos latifúndios operam-se mais facilmente com sua difusão [...] (HOLANDA, 2016. Pg. 304).*

<sup>30</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 2016. Pg. 303

trabalhavam no eito, entre outros, ali mantinham o vínculo e a identidade, vivendo no limite dos provimentos e da condição de vida.

Já em Recife, as alterações do espaço foram bastantes perceptíveis tanto nas relações sociais, quanto nas reformas dos ambientes físicos. A construção das linhas de bonde para passageiros, a linha férrea no transporte de produção, a urbanização, a modernização dos meios de comunicação, entre outras inovações, promoveu o desenvolvimento da capital, mas por outro lado, atraíram trabalhadores do interior, gerando grandes conflitos, sanados de formas arbitrárias.

Como grande parte dos trabalhadores desertores das terras do interior eram negros, pobres e sertanejos, ao chegarem na capital em busca de trabalho, tendo como único ofício a virtude de lavrar a terra, não encontravam onde trabalhar, alongando ainda mais a parcela dos que eram marginalizados e isolados na sociedade. João Cabral de Mello Neto, na obra *Morte e vida severina*, retrata bem a condição do trabalhador que, ao evadir-se do interior, chega ao Recife à procura de trabalho <sup>31</sup>.

[...] deixo o subúrbio dos indigentes  
Onde se enterra toda essa gente  
Que o rio afora na preamar  
E sufoca na baixa-mar.  
- É a gente sem instituto,  
Gente de braços devolutos;  
São os que jamais usam luto  
E se enterram sem salvo conduto.  
- É a gente dos enterros gratuitos  
E dos defuntos ininterruptos.  
- É a gente retirante  
Que vem do sertão de longe  
- Desenrolam todo o barbante  
e chegam aqui na jante.  
- E que então, ao chegar,  
Não tem mais o que esperar.  
- Não podem continuar  
Pois têm pela frente o mar.  
- Não tem onde trabalhar  
E muito menos onde morar.  
- E da maneira em que está  
Não vão ter onde se enterrar.  
(NETO, 1994. Pg. 171)

Neste trecho, um retirante recém-chegado à capital ouve, sem ser notado, a conversa entre dois coveiros, assim, a personagem fala das condições que o homem pobre do sertão encontra na Capital, das possibilidades de frustração que surpreendia a

---

<sup>31</sup> NETO, João Cabral de Melo. Obras completas: Editora Nova Aguilar S.A. Rio de Janeiro, 1994, pg. 171.

todos, ou grande parte dos retirantes A obra *Morte e vida Severina* foi publicada em texto no ano de 1956, portanto, 20 anos depois de *Usina (1936)* ser publicada, o que ressalta a condição sintomática da pobreza, da precarização da vida e da problemática da necessidade da reforma agrária que continuou a existir, mesmo após duas décadas de modernização.

### III. O ROMANCE DE 30 E A RECONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS NARRATIVOS



Engenho Corredor, na cidade do Pila na Paraíba, onde nasceu e foi criado José Lins do Rego.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> Disponível em <[blogitabaianahoje.blogspot.com/2017/10/engenho-em-que-jose-lins-do-rego-nasceu.html?m=1](http://blogitabaianahoje.blogspot.com/2017/10/engenho-em-que-jose-lins-do-rego-nasceu.html?m=1)>

### III. O ROMANCE DE 30 E A RECONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS NARRATIVOS

O experimentalismo estético dos romances regionalistas da década de 1930, marcou a renovação literária sobre a representação das formas linguísticas, estruturais e ideológicas do romance. Tratando-se do plano linguístico, representou um avanço ao passo que pôde contribuir com a inserção da oralidade do cotidiano, caracterizada pelos regionalismos, no ato de narrar os costumes e hábitos voltados para a especificidade nordestina.

A obra de José Lins do Rego, se aproxima das interações sociais do Nordeste e capta as nuances da fala, os sotaques, a ênfase das sílabas cantadas e o doce dos nomes das frutas regionais. Podemos notar que a escolha das palavras e do modo como falam as personagens incorre no mecanismo legítimo de proximidade com o plano do real, negando o designo de mera ação imitativa da realidade.

Quando falamos sobre o romance de Lins é comum ouvirmos os que relacionam sua obra ao contexto histórico do Nordeste do fim do século XIX e começo do século XX. No conjunto de sua obra que aborda o ciclo da cana-de-açúcar é possível observarmos uma inclinação por aspectos sinalizadores do pretérito, como o resgate de personagens e fatos anteriores através de reminiscências; a presença do cangaço, das cheias do rio, das relações pessoais com o meio ambiente, do folclore, além de todo o entrelaçado de características responsáveis por construir a imagem espacial dos ambientes focalizados pelo autor.

Falar sobre o romance regionalista é recordar um momento cuja noção da identidade regional estava em pauta, e incorrer na ação necessária de reflexão frente as especificidades de cada região, da formação econômica do Brasil, tal como das bases de sustentação da organização social, como as marcas da austeridade patriarcal, do conservadorismo e do subdesenvolvimento econômico.

Na leitura da *nota à 1ª edição* da obra *Usina*, escrita por Lins, o escritor afirma ter sido sua intenção escrever sobre as lembranças dos outros que viveram no espaço do engenho e das usinas. Desde o início do ciclo do açúcar até seu declínio no Nordeste o autor dispôs, de certo modo, de um esforço pessoal para imprimir não apenas uma história sobre o nordeste, mas reforçar o trabalho de Freyre em o *Manifesto*

*regionalista*, e deixar como legado uma visão ficcional acerca da modernização e da vida nos engenhos. De acordo com Lins (1985)<sup>33</sup>:

A história desse livro é bem simples – comecei querendo apenas escrever umas histórias que fossem as de todos os meninos criados nas casas-grandes dos engenhos nordestinos. Seria apenas um pedaço de vida o que eu queria contar. Sucede, porém, que um romancista é muitas vezes o instrumento apenas de força que se acham escondidas no seu interior. (REGO, 1985, pg. 9)

Não seria um engodo afirmar que José Lins, certamente, tenha conferido à *Usina* a grande responsabilidade de ser o remate de uma longa caminhada que inicia em *Menino de engenho*, delatando as contradições desse novo modelo econômico. Ou poderíamos dizer que seria necessário, talvez, abrir novas vias para a continuidade da história, embora seja bastante notório o interesse do autor em não interromper a narrativa do ciclo, mas sim prolongá-la, o que podemos notar com a obra *Fogo Morto*, publicada em 1943, sete anos após a divulgação de *Usina*.

O tema do ciclo da cana-de-açúcar, o auge e o declínio dos engenhos, a transformação do espaço físico para a produção excessiva, assim como a intervenção no meio social preexistem e estão relacionados à transição dos ambientes na obra, causada pelo desenvolvimento das usinas, devoradora do espaço natural e das identidades daquela gente.

*Usina* é um romance imbuído de temporalidade, onde presente e passado se misturam e os fatos são bem disponibilizados, de modo que a narrativa é construída semelhante aos regressos de memória. É minuciosa quanto a representação das personagens, que são constituídas de um aprofundamento psicológico e, por esta razão, é possível captarmos a singularidade de cada uma delas; o que exige bastante cuidado em não se minimizar o que parece simples demais.

O sistema de aquisição da memória, em *Usina*, provoca um movimento constante de quebra de linearidade temporal e espacial, resultando em uma narrativa que muito tem em comum com o diálogo, se considerarmos o predomínio das interações dialógicas internas ao texto. Por um lado, devido a própria relação entre narrador e leitor; por outro, pela liberdade das próprias personagens e do diálogo entre o leitor e as mesmas.

Além disso, podemos notar que na obra de Lins a estrutura da narrativa acompanha harmonicamente o contexto analisado, em que a sequência dos fatos não ocorre em uma linearidade exata, mas é o resultado do necessário movimento de

---

<sup>33</sup> REGO, José Lins do. *Usina*. 12<sup>a</sup>. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985. Pg. 9

retroceder e avançar, para melhor se ajustar ao tempo e ao espaço, assim como ocorre na obra. Encontramos, portanto, no lugar do que muitos considerariam falha, um mecanismo expressivo utilizado por José Lins do Rego, que muito se associa à sua forma de escrita e ao modo como insere o narrador no romance.

De acordo com Norman Friedman, o debate em torno da temática do ponto de vista, ou seja, do narrador, e seu desaparecimento, se intensifica em meados do ano de 1950, ou seja, 26 anos após a publicação de *Usina* – obra que confronta o leitor com uma nova constituição de narrador. Embora este tenha sido um tema bastante discutido fora das fronteiras do país, ainda assim é bastante coerente à realidade do Brasil, visto que a Semana da Arte Moderna e, principalmente, o movimento regionalista de 1930 fomentaram o surgimento de novas formas de apreensão do ponto de vista<sup>34</sup> narrativo.

A verdade, talvez, seja a de que estávamos acostumados com a presença do narrador onisciente bastante próximo do plano narrativo. Não obstante, *Usina* é elaborada sob a nova perspectiva de construção do narrador e do ato de contar a história, considerando a posição do observador em relação ao contexto interno da narrativa e, juntamente, às personagens e suas particularidades.

Por certo, podemos considerar que o ponto de vista adotado pelo escritor foi o modo mais contundente de diferenciar a história da ficção, pois ao passo que o historiador é revestido pela autoridade narrativa e por, de certo modo, ser um detentor de uma verdade, mesmo que narrada sob seu ponto de vista, o narrador de *Usina* é apresentado como um mediador entre as vozes das personagens e do leitor. Isto quer dizer que não é possível captarmos, constantemente, a voz direta do narrador.

Não seria um erro considerarmos que *Usina* não tem a pretensão de ser um documento histórico ou um texto jornalístico. O tema em questão (engenhos em declínio, versus usinas em ascensão), é explorado pelo autor, e sendo fato contemporâneo à sociedade em recente desenvolvimento, estabelece uma parceria perfeita entre os elementos estéticos e o social, resultando em *Usina*, este notável romance regionalista da década de 1930.

A sensação que temos ao lermos o romance, é a de que o narrador conhece não só os fatos narrados como a profundidade das próprias personagens. Nos passa o sentimento especulativo da possibilidade de ser o narrador personagem interna ao

---

<sup>34</sup> Expressão utilizada pela tradução feita Fábio Fonseca de Melo, sobre a obra de Norman Friedman, no texto intitulado: *O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico*; do ano de 2002.

romance, ou poderia se tratar, talvez, de uma narrador-personagem que, por razões diversas, optou por manter-se afastado do plano ficcional.

O exame teórico de textos que abordam as tipologias de narração, nos levam a conhecer uma infinidade de pontos de vista, como referência à posição do narrador. Embora tenhamos notado uma inclinação, bastante possível, a considerarmos o narrador de *Usina* sujeito distante da narrativa e das personagens, por não conseguirmos apreender sua posição frente aos acontecimentos, é inegável a afirmação da existência de sua onisciência.

Podemos considerar a existência dessa onisciência, em certo grau, relativa, posto que o narrador em momento algum monopoliza as vozes das personagens, muito pelo contrário, ele deixa em aberto o espaço para que elas mesmas se manifestem, como é possível observar no seguinte trecho:

[...] Simão e Deodato sentiram a saída dele como uma traição.  
- O que era que eu te dizia, Simão? Tudo igual. A gente que fique.  
Ele teve logo quem botasse advogado e o diabo mais. (REGO, 1985.pg. 24)

Assim, a onisciência permite ao narrador de *Usina* apenas a faculdade de explorar a mente das personagens e apreender de maneira sutil suas experiências diversas diante do cenário e dos fatos. Em *Usina* a autonomia das vozes é um dos aspectos determinantes, o contrário disso provocaria a reflexão, um pouco contraditória e inquietante, sobre a leitura de uma obra que procura ressaltar as experiências coletivas, a partir de uma única voz e uma única visão.

Não obstante reconheçamos as afirmações de Norman Friedman na busca por enfatizar que, na onisciência intrusa em relação às personagens “[...] a tendência predominante é descrevê-las e explica-las ao leitor com sua voz própria” - o que explicita a intervenção direta do narrador - é possível considerar esta intromissão apenas no plano do pensamento, como um processo dialógico entre quem narra e quem lê, como um fluxo de consciência, que por tal razão torna-se inusitada.

Tomando como referência *Menino de engenho e Usina*, os dois extremos do ciclo do açúcar, podemos constatar que talvez seja possível a ideia de que o autor tenha buscado alargar, paulatinamente, a visão do narrador a fim de alargar também o campo visual do leitor, começando primeiro por um protagonista e suas experiências individuais para culminar na percepção da experiência coletiva e dos efeitos da modernização.

Em alguns momentos, o discernimento das vozes torna-se difícil, devido ao fato de o narrador mudar seu discurso indireto para o indireto livre, o que quando ocorre, torna-se complexa a tarefa da distinção dos pensamentos e expressões das personagens, das opiniões e comentários de quem fala, como podemos observar num dos raros momentos em que, sutilmente, o narrador expressa sua impressão acerca de como a sexualidade era considerada no espaço do Santa Rosa:<sup>35</sup>

O outro caixeiro, o filho de seu Firmino, sempre desconfiado, não queria história com ninguém. Diziam que o rapaz não gostava de mulheres, contentando-se com ele próprio nas precisões. **A fama de Joaquim era aquela. Terminaria maluco, porque homem só era homem para aquela gente quando se pegava com mulheres. Fora daí era doente, um mucufa qualquer (grifo nosso).** (REGO, 1985, pg. 130)

É notório que há uma opacidade na distinção das vozes do narrador e das personagens a partir de “A fama de Joaquim era aquela”, que pode ser entendida como parte do discurso subjetivo do narrador, o que nos faz pensar na possibilidade de ser o mesmo sujeito interno à narrativa, ou seja, personagem distanciada que possui a tarefa de narrar a história do romance. Além disso, podem ser consideradas marcas dessa aproximação, do discurso subjetivo à ordem da narrativa, a aplicação de certa dose de ironia e generalizações, observadas no trecho em que diz que “homem **só** era homem para aquela gente quando se pegava com mulheres. **Fora daí** era doente, um mucufa qualquer (**grifo nosso**)”.

Ora, podemos notar que esta afirmação – de que homem só era homem quando se pegava com mulheres – não é própria da voz de nenhuma das personagens sobre as quais o narrador se refere, restando-nos o dilema acerca da possibilidade de este ser apenas o repasse de um senso comum, em relação ao assunto, ou o relato da expressão do narrador.

Das definições arroladas por Friedman, entre o narrador onisciente neutro e o intruso, tal como o mesmo os considera, resta-nos ponderar sobre qual definição melhor se ajustaria a medida de Lins. Um exercício árduo, complexo visto que, embora não haja marcas de personalidade (“eu” ou “nós”) – relativo ao intruso -, as intervenções do narrador podem ser sentidas por intermédio de uma dose sutil de ironia, o que de certa forma, não deixa de ser uma marca pessoal.

---

<sup>35</sup> REGO, José Lins do. Usina. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Pg. 130.

Em seguida, em outro trecho da obra, observamos a ocorrência de uma aproximação entre o narrador e o leitor, que pode se verificar no modo como o verbo “avaliar” é direcionado para quem o lê:

- Por isto é que há cangaceiro no mundo, dizia Deodato, gente que mata, que sangra. Quando sair daqui sou outro. Besta é quem vai se meter com trabalho. **Avalie** se Ricardo lhe contasse a história de Seu Manuel <sup>36</sup>. (REGO, 1985, pg. 30)

Notamos que o narrador convida o leitor a refletir sobre a possibilidade do desvelamento da relação entre Ricardo e Seu Manoel para Deodato. No entanto, a escolha do termo “avaliar”, não apenas instiga o leitor à ação denotativa, de fato, se referindo a possibilidade por ele apresentada (Imagine o que aconteceria se Deodato descobrisse?), como registra o momento em que o narrador dialoga com o leitor, deixando resvalar sutil e implicitamente seu sentimento diante do caso.

Em outras palavras, o narrador não deseja saber qual a conclusão da reflexão do leitor, acerca da possibilidade da descoberta de Deodato. Todas as informações proferidas nas sentenças anteriores demonstram uma única via para a resposta a esta provocação, ou seja, um homem que justifica a existência através da violência e que considera “besta” quem se metem com o trabalho, o que pensaria da relação homoafetiva entre homens?

Além disso, ainda que o discurso indireto livre seja um dos que mais aproxima o leitor da narrativa, podemos constatar que a opção pelo verbo “avaliar”, assim conjugado, está diretamente ligado à ação comunicativa, buscando envolver bem mais o leitor na trama do romance, um mecanismo bastante eficaz na construção de um ambiente dialógico, mesmo que na relação entre obra e leitor não seja possível a verificação da resposta desse último.

Tanto a narrativa quanto o discurso compreendem o eixo central da obra, conduzem os acontecimentos e projetam a realidade ficcional onde o individual é também coletivo. Lins apresenta personagens ímpares, caracterizadas pelo meio, como Dr. Juca, Jesuíno, Seu Manoel, dona Avelina, Deodato, Seu Ernesto etc., mas deposita em Ricardo uma pitada de singularidade, observada com bastante expressividade em Fernando de Noronha, e sutil em Santa Rosa, como se a descrição da personagem incorresse, paradoxalmente, em sua relevância quanto ao espaço que ocupa.

---

<sup>36</sup> REGO. José Lins. **Usina**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Pg. 30.

Tomando como referência análises críticas sobre o romance de 1930, é possível aproximarmos as personagens de *Usina* a uma das quatro tendências abordadas e formuladas por Bosi, no que tange o grau de tensão entre o “herói” e seu mundo. Ora, sendo a obra ausente de protagonistas e heróis, ajustemos à essa denominação a coletividade que muito se adequa ao tipo de romance de tensão crítica.

Isto quer dizer que as personagens em *Usina* são destacadas em meio a paisagem que as condicionam, como as secas que empurravam os sertanejos para as usinas, que segundo o narrador “Vinhavam para as várzeas na safra, davam os seus dias, semanas de serviços e quando relampeava para cima faziam as contas e corriam para as terras deles, que eram livres”<sup>37</sup>, ou Jesuíno que, mesmo vítima do meio, faz sobressaltar sua angústia em meio as modernas estruturas de Recife; e até mesmo Ricardo, em seu desconcerto com o ambiente de Fernando de Noronha.

De acordo com Bosi, no romance de tensão crítica “o herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social, formule ou não em ideologias explícitas, o seu mal-estar permanece”<sup>38</sup>, e se adaptarmos tal teoria ao plano de *Usina*, veremos que, tanto Ricardo quanto as outras personagens da obra, ao resistirem aos obstáculos do cotidiano, eternizam suas dores, mas tornam-se ainda mais evidentes e sujeitos presentes naqueles ambientes.

Considerando a coletânea de Lins, podemos afirmar ainda que objetividade – como aquisição dos elementos relativos às questões sociais - e subjetividade – como a exposição de múltiplos pontos de vista, isto é, a interpretação das personagens acerca dessas questões - fundem-se com um único intuito de acionar a memória coletiva, dando visibilidade as vozes que, de uma forma ou de outra, assumem o papel de “instrumento apenas de forças que se acham escondidas no seu interior”, como uma chave que não se sabe a função, se fecha ou se abre a porta que proporcionará à personagem, a liberdade expressiva do seu próprio interior.

Essa força, por vezes velada, nada mais é que a representação dos sentidos resgatados pelas personagens, como a lembrança das sensações e dos significados; de contemplação de algo que ficou no tempo passado e, que quando pouco requisitado corre o risco de se perder na infinitude do tempo, deixando escapar, com isso, as marcas de identidade e cultura que poderiam ser mantidas em registro.

---

<sup>37</sup> REGO, José Lins do. *Usina*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Pg. 131.

<sup>38</sup> BOSI, Alfredo. *A história concisa da literatura brasileira*. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Pg. 392.

No entanto, para além dos mecanismos de retomada das memórias, podemos encontrar no romance uma característica própria de construção da narrativa, bastante singular ao perfil de José Lins. Na verdade, em se tratando dos romancistas de 1930, principalmente aqueles que buscaram se referenciar em questões sociais, é importante observarmos que escreviam sob uma espécie de modelo estrutural diferenciado e próprio do mesmo grupo literário que Lins.

Ou seja, do mesmo modo em que os escritores da semana da arte moderna de 1922 se identificavam por um estilo próprio, sob a elaboração de formas e focos mais ousados e questionadores, os romancistas de 1930 seguiram cada um suas especificidades locais e percepções de mundo, no entanto, fomentavam a construção de romances mais reflexivos, sob estruturas adequadas a cada situação, isto é, não podemos dizer de um regionalismo, mas sim de regionalismos.

Podemos afirmar ainda que *Usina* foi uma obra pouco compreendida pela crítica da época, que por vezes, deixou escapar a possibilidade de uma análise mais minuciosa dos mecanismos estruturais utilizados por Lins, e por essa razão, acabou por conferir à obra, em muitos momentos, a qualidade de texto mal construído, cuja linha temporal era rompida constantemente, de modo que não foi considerada a possibilidade de este ser apenas o estilo elaborado pelo autor, a fim de relacionar o romance às retomadas de memória.

A essa afirmativa refere-se, por exemplo, o modo com que Lins dá sequência ao segundo capítulo da obra. Talvez, imaginando que o leitor tenha o conhecimento prévio do romance anterior – *Moleque Ricardo* – Lins elabora a introdução de *Usina* a partir das memórias do negro sobre a ilha de Fernando de Noronha em sua volta para a cidade de Santa Rosa. Há um rompimento brusco em relação ao espaço e ao tempo narrativo na passagem do primeiro para o segundo capítulo, e aqui, mesmo quando distante das águas que cercavam a colônia correcional, a memória de Ricardo traz à tona o passado, como um movimento incessante entre o presente e o passado.

De fato, esse mecanismo bastante utilizado por Lins causou, em certo ponto, uma dificuldade na interpretação de seu mecanismo de associação entre o espaço e o tempo, posto que ambos se misturam na narrativa. Por essa razão, interessa-nos observar aqui, as formas com que esses mesmos espaços condicionam as personagens, ao mesmo tempo em que estas resistem aos seus mecanismos de exclusão. Ora, se atentarmos para a relação entre todos os espaços representados na obra e as

personagens, veremos que a resistência surge do constante movimento que as repele, em decorrência da classe e cor.

A obra é composta por dois capítulos, sendo o primeiro relativo as memórias de Ricardo sobre a ilha de Fernando de Noronha, e o segundo, referente a sua volta ao Santa Rosa, lugar onde nasceu. A romance parte do contexto em que Carlos de Melo, protagonista de *Menino de engenho*, abandona o engenho do avô e o repassa para o tio Juca, que dá início à disputa pelas terras no intuito de prosperar e transformar o antigo engenho em usina.

Ao fazê-lo, Juca se depara com um ambiente hostil, onde a luta pelo espaço e pela preservação da sua condição social e econômica, manifesta-se de modo contundente demonstrando, assim, a realidade de uma nova sociedade sustentada pelo capital.

De um lado está o Dr. Juca, sua esposa Dondon e suas duas filhas, a família representativa da usina do Bom Jesus. Na disputa pela hegemonia, e pelo alargamento da posse das terras está Dr. Luiz, dono da usina de São Felix, o qual Dr. Juca considera rival. Por outro lado, a narrativa mostra a vida dos trabalhadores, dos que permaneciam em situação de pobreza independente da prosperidade das usinas e da casa grande - já reformada nos moldes da modernidade - que não conseguiam e nem podiam mudar de lugar.

O primeiro capítulo, intitulado *O retorno*, é o único momento da obra em que se é possível reconhecer um certo lirismo, ou ainda, uma tendência às paixões e à exploração dos aspectos mais subjetivos. O espaço difere de todos os já citados nas outras obras do ciclo, e a representação dos ambientes é assimilada a partir do idealismo de Ricardo, personagem recorrente, que insta em reaparecer na obra *Usina*, talvez, com um único intuito de delatar a existência do lugar reservado aos inúmeros moleques, na sociedade em ascensão.

Às vezes uma lua branca, como a do engenho, fazia que eles fossem, de noite adentro, cada um para o seu canto, a olhar o mundo sem que nada tivesse a dizer um ao outro. O mar vinha se quebrar nas pedras com o seu rumor de penado. Ricardo estranhara aquele ruído de todas as horas, aquele vaivém de gemidos que lhe tirava o sono [...] (REGO, 1985. Pg.20)

Ao passo que a narrativa se desenvolve nesse grande tear da vida – onde conseguimos ver que tanto o romance quanto a realidade seguem não por uma linha reta e tênue, mas sim, pelo movimento de retomada e avanços – Ricardo vai sendo construído como uma personagem fantasma no enredo, pois, ainda que sua presença não

seja constante, notamos a todo momento o elo que o prende a terra, à casa grande e a Santa Rosa, como um todo. É de singular relevância, entretanto, ressaltar que a presença de Ricardo pode ser observada desde a primeira obra do ciclo da cana-de-açúcar, estreando, junto a Carlos de Mello, seu papel na narrativa.

Tomando o Santa Rosa como referência para essa afirmação, notamos que a falta de trabalho, de alimento e moradia foi uma das razões que estimulou o afastamento da população mais pobre para os grandes centros urbanos. Neste período de grande prosperidade das usinas e de produção agrária, a uso da terra para a produção de alimentos não foi priorizada, passando a ser utilizada apenas como instrumento de produção acumulativa, gerando precariedade de vida.

A cidade do Recife era considerada como a grande ilusão dos trabalhadores do eito, onde se concretizava as vias do modernismo, por meio do convívio da sociedade com as mudanças sociais e culturais, influenciadas por valores estrangeiros, sentidas principalmente nas mudanças estruturais como a construção da linha do bonde do Beberibe e outras transformações que modificavam as relações e o espaço da capital.

Importante frisar que, em se tratando de Recife, conseguimos compreender duas formas de apreensão da cidade. Uma a partir da interpretação do usineiro Dr. Juca, sua esposa, dona Dondon e da classe mais rica da sociedade, onde viam na capital a oportunidade de entretenimento e diversão. Por outro lado, os mais pobres como o próprio Ricardo e o Jesuíno, só conseguiam visualizar na cidade a oportunidade não realizável de emprego, a oferta de sua força de trabalho e a possível exploração pelo capital.

Ora, se o meio condiciona a personagem, Recife foi um dos espaços onde mais se observou a formação da opacidade do “eu” individual, representado tanto pela figura de Ricardo quanto de Jesuíno, visto que, ao passo que a sociedade ia impondo, a ambos, a exigência de um enquadramento que a eles era impossível, devido a posição social - de inserção econômica e pertença à classe – perdia-se, aos poucos, a identidade do homem sertanejo, com raízes presas na cultura onde o rio era mais poderoso que qualquer senhor de engenho.

Importante ressaltar que, antes de ser mandado para a ilha de Fernando de Noronha, a fuga de Ricardo para a cidade de Recife demarca um ponto bastante significativo na compreensão do contexto a que a obra é inscrita. O sistema econômico

sustentado pelo patriarcado, de uma oligarquia restrita e familiar, teve sua continuidade no centro urbano, porém, com uma base mais adequada a esse novo contexto.

A constatação de que o meio constrói a personagem pode, então, ser compreendida se observarmos os três espaços abordados. A imposição da modernização, fomentou em Dr. Juca a sedução da vida boemia no centro do Recife. Frequentou bordéis, gastou mais do que conseguia lucrar e não administrava bem os negócios da família, ao passo que seu concorrente, Dr. Luís, preso à terra, acumulou capital sobre o outro senhor de usina, e isso foi o que lhe proporcionou a vitória.

Recife estava à frente dos outros dois espaços. Os carros, as pessoas, os bondes, a comida, tudo isso era como um prenúncio de uma nova era, e para Dr. Juca, cegava os olhos a sedução do prazer sem nenhuma responsabilidade. Na verdade, Dr. Juca sempre fora assim, desde mais novo suas atitudes sempre foram tuteladas por Paulino, que fingia não ver as atrapalhadas do filho.

Aos poucos, o Bom Jesus foi perdendo a fama, e nas conversas que eram travadas nos trens, ficava cada vez mais evidente e vulgarizada a situação de Dr. Juca, a ponto de apostarem o destino da usina, como podemos notar no seguinte trecho <sup>39</sup>:

A safra, que entrava, se reduzira na metade pela falta de tratamento das canas. Os senhores de engenho, também atingidos pelas crises, restringiram o plantio. [...] E as conversas dos trens só tratavam de Bom Jesus. Havia os que achavam que Dr. Luís, da São Felix, terminara com a usina. E os que pensavam que aquilo cairia nas mãos de Vergara. Falavam de oferta de gente de Pernambuco. Outros diziam que os americanos passariam o contrato a Dr. Luís e com pouco mais a Bom Jesus estaria incorporada à esteira da outra. Sabia-se que o Dr. Juca devia mais de 2.000:000\$000 e nunca que açúcar desse mais para usineiro tirar de limpo (REGO, 1985. pg. 263).

Já o Santa Rosa, representou o espaço que mais sofreu com as transformações da modernidade, de modo negativo; O ciclo do açúcar, na obra de Lins, começou pelo Santa Rosa, e lá mesmo findou. Na narrativa é possível observarmos como se dá a imposição da modernidade no espaço rural. A natureza modificada para adequar-se melhor ao sistema econômico; a casa grande reformada no modelo europeu; o afastamento da moradia dos negros, a nova relação de trabalho, resultou na reformulação do espaço. Contudo, o sentimento de humanidade fora afastado. Nos primeiros sinais de mudança, quando Dr. Juca reformou o espaço da casa grande,

---

<sup>39</sup> REGO, José Lins do. Usina. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Pg. 263.

afastando os negros e tirando direitos dos trabalhadores, é possível notar o papel da resistência figurada até mesmo na imagem de Dona Dondon, que buscava atender aos pedidos dos descontentes. A maioria dos trabalhadores a procuravam, buscando soluções ou apenas a tutela de alguém com mais poder e condição deliberativa.

Embora fosse mulher num sistema patriarcal, a esposa de Dr. Juca tornou-se o foco das intercessões dos trabalhadores, e quase sempre conseguia atender a algumas necessidades. Importante ressaltar que este é um ponto que merece bastante atenção, visto que neste contexto a liberdade feminina para tomar decisões sobre interesses da usina e das questões externas, não era algo comum ou aceitável.

Por essa razão, alguns homens, chegavam mesmo a se queixarem para Dr. Juca, como podemos ver seguinte trecho:

O gerente do campo procurou dona Dr. Juca para se queixar. O povo estava abusando da usineira. Ontem fora o pessoal de Chico Baixinho, que ele havia botado para fora e que, no entanto, havia ficado na usina, porque a senhora der ordem. Se continuasse assim, ele não podia ficar. O povo descobrindo que ele não mandava como devia, perdia o respeito. (REGO, 1985. pg. 243)

Na verdade, sabemos que, mediante uma relação desproporcional, característica do patriarcado, o gerente não estava preocupado com o abuso da bondade de Dona Dondon, mas sim com o próprio ego, que fora desafiado ao ver-se inferior a uma mulher. Diante das interferências da esposa de Dr. Juca os trabalhadores ainda podiam ver esperança na manutenção de alguns auxílios para o sustento material.

Outro espaço de significativa relevância, é o ambiente de Fernando de Noronha, cercado pelas águas claras do mar do Nordeste. É importante refletir sobre como Lins conseguiu captar outra forma de conceber o espaço da ilha, sem o peso previsível de ser uma prisão. Se nos basearmos no texto de Myrian Sepúlveda <sup>40</sup>, *A prisão dos ébrios, capoeiristas e vagabundos no início da Era Republicana*, veremos que a autora cita outras colônias correcionais que surgiram durante o período da Era Republicana, e ressalta a existência da repressão sobre as classes subordinadas.

Ainda neste mesmo artigo, parafraseando Myrian, podemos encontrar menções que se referem às práticas repressivas e excludentes ligadas ao estabelecimento do Estado, a partir do discurso democrático e liberal, o que podemos observar em outros

---

<sup>40</sup> SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *A prisão dos ébrios, capoeiristas e vagabundos no início da Era Republicana*.

textos como o artigo publicado pela Revista de História, no ano de 2015 <sup>41</sup>, intitulada “Degredados do Império”, ou ainda na resenha de Ferraro <sup>42</sup>, onde o autor trata de Fernando de Noronha e o mundo: “A colônia penal do império em perspectiva atlântica no século XIX”.

Bastante coerente é a afirmação de Sepúlveda ao frisar “que o maior número de vagabundos é fornecido pela burguesia” <sup>43</sup>, pois corrobora a compreensão de Lins sobre o espaço de Fernando. O autor insere um contrassenso ao apresentar a colônia exercendo um outro papel oposto ao da angustia do cárcere.

Ou seja, a beleza da ilha contrasta com seu propósito, mas também com a descrição dos outros ambientes que foram citados. Lins chega a definir o mar como “um carcereiro que não dormia, um elemento que os homens aproveitavam de Deus para castigar outros homens” <sup>44</sup>.

A colônia correcional, para muitos compreendida como espaço de isolamento dos vagabundos, bêbados e perigosos abrigava, na verdade, negros e outros marginalizados que, de uma forma ou de outra, não conseguiram adentrar à sociedade, referindo-se, então, àqueles que com muito custo iam para o Recife, fugidos da miséria causada pela seca e pela vida precária no interior.

De acordo com texto publicado na *Revista História*, do ano de 2015, cerca de 543 quilômetros do Recife estava a ilha de Fernando de Noronha, construída ainda no período da colonização, no século XIX. Muitos são os trabalhos que buscam analisar a população carcerária da época, afirmando ser a maioria de presos políticos; outras reforçam a tese de que, tendo Fernando de Noronha o objetivo de ser um espaço de insulamento dos que eram considerados vagabundos e marginais, a maioria dos que ali se encontravam eram negros, índios e outros grupos que não se incluíam na classe dos mais abastados.

Interessante, portanto, ressaltarmos a capacidade que o narrador possuía de adentrar na intimidade das personagens e converter estereótipos que justificavam, ou ainda, reforçavam a condição marginal dos que ali se encontravam, como se o erro, consequência das circunstâncias diversas que os colocavam em tal situação, os

---

<sup>41</sup> MEDEIROS, Rostand. Degredados do Império. Natal. Publicado em 26 de maio de 2015. Disponível em: <http://revistadehistoria.com.br/secao/capa/degradados-do-imperio>. Acesso em: 20 de maio de 2018.

<sup>42</sup> FERRARO, Marcelo Rosanova. Fernando de Noronha e o mundo: **a colônia penal do império em perspectiva atlântica no século XIX**. Scielo, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320151016>. Acesso em: julho 2018.

<sup>43</sup> SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. A prisão dos ébrios, capoeiristas e vagabundos, no início da era republicana. Pg. 159

<sup>44</sup> REGO, José Lins. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Pg. 39.

associassem direto, sem possibilidade de perdão, à alcunha de marginais e vagabundos. Muitos dos que ali estavam desejavam voltar à sociedade, fazer parte dela, e mesmo o mais sério dos casos de crueldade cometido na cidade e no interior, tinha fundamento a ser considerado.

Ricardo ouvira por muitos anos boatos referentes a Zé Moleque, que também fora morador do Santa Rosa. Essas histórias associavam o negro à fama de assassino, mas, em Fernando, Ricardo pôde conhecer a verdade sobre o homem que, embora preso por motivo de mortes, ali se mostrava como um ser humano qualquer, passivo de erros e tentativas de acerto. Ricardo via “Zé Moleque na ilha, plantando milho no seu roçado, um negro como ele, de olhar baixo, calado.”<sup>45</sup> Seu Manoel compartilhava de situação semelhante à de Zé Moleque, visto que também era tido como assassino frio, no entanto, de perto, tinha uma história de dor e miséria para contar.

Esta contradição relativa aos grupos dos marginalizados também pode ser observada no instante em que Ricardo, ao voltar de Fernando de Noronha com o amigo Jesuíno, depara-se com a situação degradante sob a qual a família do amigo estava subordinada.

A vida ficou mais dura. Sem marido, sem o protetor, ficou com os filhos sem saber para onde ir. Casa para pagar, comida para comer. E assim os filhos traziam para casa o que lhes davam de resto de pão, de carne, de roupa velha, tostões. E foi vivendo até que o marido voltasse de Fernando naquele estado, tão magro que parecia cinzento, de olhos amarelos como gema de ovo, meio trôpego, aleiserado, chorando por qualquer coisa. Os molequinhos tinham se acostumado com a vida. Andavam tirando esmolas pelas portas, pedindo comida, corrido de uns, maltratados pelas portas das vendas, tangidos como umas pragas, uns pestilentos.<sup>46</sup> (REGO, 1985. Pg. 49)

Em verdade, os moleques perceberam que pouco ajudava a esmola recebida nas ruas, e que em nada diminuía a diferença que os colocavam em condição de miséria. Talvez, por isso, por necessidade e forma de desafiar todo esse controle criado para proteger a elite, foi que os meninos começaram a roubar, e levarem para a casa, todos os provimentos e o que julgavam importante, a partir das suas necessidades.

Deram também para roubar, para aproveitarem-se dos descuidos dos balaieiros, disparando rua afora. O povo conhecia os negros de Jesuíno. Os bichos alarmavam os quintais. Ninguém podia estender um pano com medo deles. Chamavam de ratos. E eles mesmos pareciam ratos com aquelas cabeças compridas, aquele ar de espantado.<sup>47</sup> (REGO, 1985. Pg. 49)

---

<sup>45</sup> REGO, José Lins do. Usina. 12<sup>a</sup>. Rio de Janeiro: Novo Horizonte, 1985. Pg. 21.

<sup>46</sup> REGO, José Lins do. Usina. 12<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985. Pg. 49

<sup>47</sup> REGO, José Lins do. Usina. 12<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985. Pg. 49

Nesses dois trechos notamos a evidencia sobre a forma com que eram tratados os marginalizados pelas instituições de controle e de poder. Podemos encontrar, em doses balanceadas, um certo tom que evoca à fase naturalista, ao passo que essa classe é identificada por aspectos animalizados, de degradação da vida, dos corpos, das condições humanas.

Ao ser intimado pelo delegado que lhe cobrou o conserto dos filhos, igualando-os à ratos, o mesmo afirmou que pretendia fazer uma limpeza na cidade, e exigiu o afastamento de Jesuíno e seus filhos daquele local. A partir dessa alegoria, foi facultado às personagens, a oportunidade da resistência que, não sendo apenas fruto do próprio anseio do autor, incorre na realidade mesma, vivida por ele.

Lins, muito possivelmente constatou essa realidade, em suas passagens pelo Nordeste, Minas Gerais e outras partes do Brasil. Viu como era construída a muralha separava as classes, onde os menos favorecidos além de afastados dos espaços e do usufruto dos prazeres da modernidade, eram enfeitados, de modo que não encontravam mais suas identidades em lugar algum.

Os “ratos”<sup>48</sup> de seu Jesuíno, mesmo que vítimas sociais de um processo lento e seletivo, não estavam desamparados de pai e mãe. Mesmo as poucas forças que eram poupadas à mãe, na incumbência patriarcal, relativa ao espaço doméstico, por conta das dificuldades atribuídas ao corpo cansado da mulher, as mesmas foram preservadas a fim de serem utilizadas em defesa de suas crias.

De certo modo, essa era a única forma encontrada pela esposa de Jesuíno de se rebelar e ser resistente aos domínios do capital. Era encarar de frente as ameaças que se direcionavam, a todo instante, a ela e sua família. Não romperia a correlação de forças, nem mesmo diminuiria a distância que separava sua vida das dos demais na sociedade, mas reforçaria em si mesma, o mantra do convencimento de que era gente, e como tal, merecia dignidade.

Quando chegou em casa contou à mulher. Aqueles restos, aquele caco de gente deu um pulo como nas noites de Deus no corpo. Filho dela não saia encangado como bicho, filho dela não iria para a colônia como se não tivesse pai e mãe para trabalhar por eles [...] <sup>49</sup> (REGO, 1985. Pg. 51)

A resistência estava na própria negação da animalização com que a todo tempo são comparados seus filhos. A contraposição da frase, “Filho dela não saia encangado

---

<sup>48</sup> Referência que o narrador traz do como o delegado chamou os filhos de Jesuíno.

<sup>49</sup> REGO. José Lins do. Usina. 12<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985. Pg. 51

como bicho” e o que disse o delegado, “Andam por aí como ratos”, ainda que demonstre a fragilidade do enfrentamento, ressalta sua existência.

Notamos a presença de personagens que, como Ricardo, mesmo associadas à precariedade da vida e à debilidade dos corpos, erguem-se, demonstrando que a possibilidade de resistência. Uma vez observada a tentativa de enfrentamento por meio da greve, que culminou na prisão de Ricardo em Fernando de Noronha, notamos que a necessidade da resistência está bem mais associada a imprescindibilidade da divulgação da ação, que ressaltar situações ilusórias dentro do texto, apenas para sanar algum desejo do leitor.

A parcela pormenorizada que a oligarquia rural e a elite urbana buscava esconder é centralizada na obra, mesmo assim podemos visualizar o sentimento de desconcerto destes diante do ambiente em que não se reconhecem mais. Mesmo Recife, de onde Ricardo ficou alguns anos afastado, ficou irreconhecível após sua volta:

Em Recife ficou como em terras estrangeiras tudo tinha mudado na Encruzilhada. As Maxambombas não corriam mais. Aquilo parecia outro lugar com os bondes amarelos dando uma vista diferente à atividade do povo.  
<sup>50</sup> (REGO, 1985. Pg. 46)

Não havia mais espaços capaz de acolher essas pessoas. O ambiente de Recife não estava mais para negros, pobres e trabalhadores que não tivessem trabalho. Ricardo, que muito se acostumou com a morte, sentia o incômodo e o peso da mesma, cismando em permanecer ao seu lado, sem nem ao menos ser capaz de efetuar por completo o seu trabalho.

Pai Lucas, um velho amigo a quem Ricardo confiava seus segredos havia morrido, este a morte se encarregou de consumir; e não havia sido de todo mal, pois, também não se encontrava em conformidade com o mundo da forma que estava. O narrador capta os sentimentos mais sinceros de Ricardo e afirma que, com a morte de Pai Lucas, “um pedaço de Deus deixara o mundo”, e sendo Deus, não pertencia a esse lugar.

Tudo no Recife era mais moderno, semelhante à vida que muitos trabalhadores e trabalhadoras imaginavam em terras do exterior. Os bondes, o modo de vida, as casas, o padrão social e até mesmo a forma com que as pessoas se portavam uma com as outras foi se adequando lentamente a essa nova perspectiva.

---

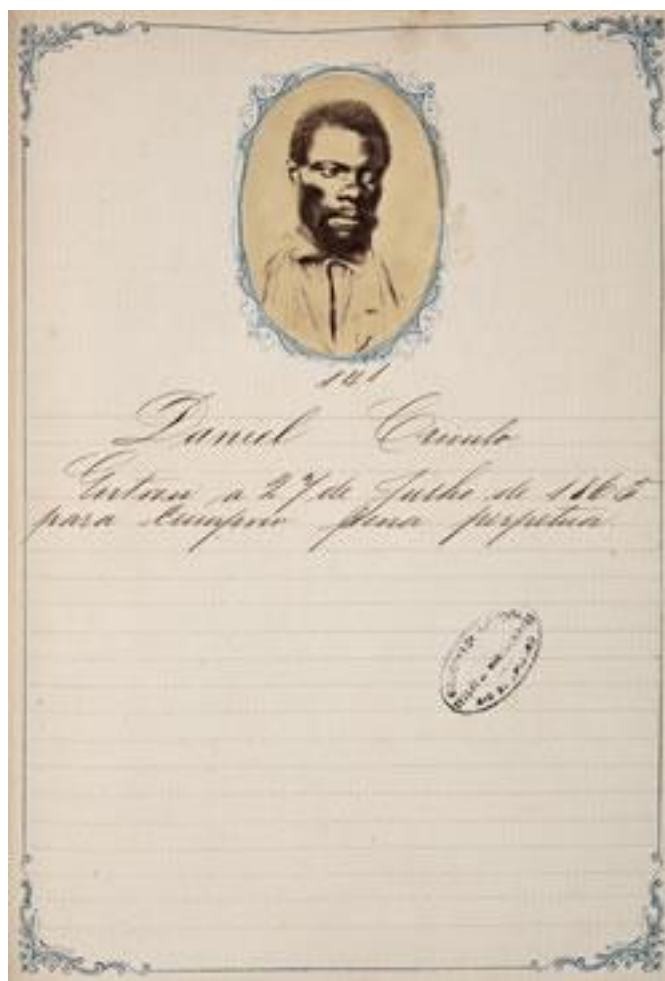
<sup>50</sup> REGO. José Lins do. Usina. 12<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985. Pg. 46

Ao citar os três espaços distintos na obra, José Lins produz algo que não havia criado em nenhuma outra obra do ciclo. Se bem observarmos, em todos os romances do ciclo, encontramos o sentimento de prisão, de desconcerto com o mundo moderno, a repressão, o medo, o equívoco, todos sentimentos coerentes ao contexto, ligados à transição não só de um sistema econômico, mas da estruturação da sociedade como um todo.

A análise desses espaços nos orienta a percepção das transformações ocorridas no seio dessas comunidades, e com isso, conseguimos captar, também, as mudanças de paradigmas que constituem uma nova sociedade, deslocando valores e suplantando identidades. Não que ocorram de modo isolado, ou que possam ser compreendidas independentemente uma das outras, mas são confluências de causa e consequência, do que foi, aos poucos, se constituindo enquanto uma sociedade moderna.

Em outras palavras, a análise do Romance Usina nos proporciona uma visão mais ampla sobre a perspectiva da modernização, mas, além disso, nos proporciona a possibilidade de conhecer uma face dessa conjuntura, sobre a qual uma parcela considerável da sociedade é desconsiderada, em um contexto em que o pobre não é compatível com o sistema mais moderno de produção.

#### IV. O PARADOXO DA LIBERDADE REPRESENTADO PELA VONTADE E CONDICIONAMENTO EM FERNANDO DE NORONHA



Registro de um negro enviado para a colônia correcional de Fernando de Noronha, acusado de assassinato. <sup>51</sup>

<sup>51</sup> Disponível em <https://tokdehistoria.com.br/tag/colonia-penal-de-fernando-de-noronha/>

#### **IV. O PARADOXO DA LIBERDADE REPESENTADO PELA VONTADE E CONDICIONAMENTO EM FERNANDO DE NORONHA**

O fim do século XIX foi marcado pela construção das colônias correcionais em algumas cidades do Brasil. Tanto no Rio de Janeiro quanto em Recife, é possível observarmos relatos da existência dessas prisões que, na maior parte das vezes, serviam como modo de insulamento de presos políticos. No entanto, a partir da reconfiguração social promovida pelo fim no escravismo, muitos foram os negros e trabalhadores pobres que, por não possuírem nenhum tipo de ocupação econômica, foram enviados para essas ilhas. De acordo com Myriam Sepúlveda:

[...] a prisão de vadios, vagabundos e capoeiristas representou ampliação de processo de modernização da cidade, uma vez que as autoridades passavam a colocar em reclusão indivíduos que representavam ameaça à ordem pública, mesmo que eles não pudessem ser acusados de terem realizado qualquer crime.<sup>52</sup>

Podemos observar que o que Lins faz é trazer para o primeiro plano da obra uma denúncia desse sistema carcerário, que estava surgindo no final século XIX. E, podemos até mesmo afirmar que um dos eventos mais relevantes, na obra de José Lins, é a prisão de Ricardo na ilha de Fernando de Noronha.

Podemos afirmar que Lins buscou promover a reflexão acerca da denúncia do sistema carcerário, através da prisão de Ricardo na ilha de Fernando de Noronha. Nesse contexto, desenvolvia a passos largos a economia, e o campo produzia como nunca, numa atividade ostensiva entre o cultivo do açúcar e do algodão. Este foi também o momento em que a capital via se expandir e se acomodar as primeiras fabricas de tecelagem, para atender as necessidades de exportação. Além disso, em Recife eram vistas as primeiras relações precárias de trabalho, tal como a construção das linhas de bondes e um novo padrão arquitetônico que espelhava a estética europeia.

Bastante diferente do que se tinha no espaço das usinas, num período anterior à ofensiva da indústria, o trabalho seguia um padrão diferente daquele em que estavam mais próximos dono da terra e empregado. O trabalhador era apenas um contratado para exercício de uma função, que muitas vezes era requisitada pelo próprio Estado.

---

<sup>52</sup> SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. A prisão dos ébrios, capoeiras e vagabundos no início da Era Republicana, pg. 2.

O país se desenvolvia, e até mesmo a cultura do brasileiro se adequava a essa nova perspectiva. No entanto, esse discurso disfarçado de desenvolvimento, alçado pela intenção de se reprimir as classes subordinadas através das ações excludentes, encontrou refúgio nas primeiras páginas em que Ricardo regressa ao passado próximo para lembrar de Fernando e seu significado.

Certamente, os anos que passou como interno na colônia de Fernando de Noronha não foram tão tensos quanto Ricardo imaginava. Talvez a necessidade de resistência frente a luta pela sobrevivência tenha sido a razão primeira das ressignificações de Ricardo em relação à ilha, pois, ainda que a conjuntura o colocasse na defensiva, todos os obstáculos encontrados, desde a sua saída de Santa Rosa até sua libertação da colônia, fortaleciam-no, no sentido de conseguir se adaptar as condições as quais encontrava.

A privação da sua liberdade, nessa colônia correcional, instaura um período, interno ao ciclo, de reflexão centrada sob o ponto de vista de uma classe até então desconsiderada do restante. O negro, nessa sociedade, pós-escravocrata, teve sua representação nas personagens que se perpetuaram ao longo das narrativas, como Zé Passarinho, a velha Totonha, Mãe Avelina e Ricardo, Zé Moleque, entre outros.

Não que possamos notar a presença de todas essas personagens nas obras do ciclo, mas a lembrança do Santa Rosa, coexistente em todos os romances, nos remete a retomadas de experiências que, de certa forma, se incubem de preservar a memória de cada uma delas. A contadora de histórias, o negro de papos para o ar, a mãe negra amorosa, todos são elementos de particularidades que, num conjunto de experiências, resultam num todo na narrativa.

No entanto, a personagem que melhor se ajusta à compreensão e justificativa da existência desse povo, no período das usinas, é a do moleque Ricardo. Não podemos relacioná-lo à imagem de um sonhador, pois o fato de não ter tempo para sonhar, o moleque mantinha os pés no chão. Como tinha ciência da sua condição social e étnica na sociedade, Ricardo se permitia a ceder um pequeno espaço em seu interior para uma certa objetivação limitada.

Sobre Ricardo, Lins tratou de apresentar a personagem antes mesmo da publicação de *Moleque Ricardo* e *Usina*. Desde *Menino de engenho* o negro é focalizado de modo que conseguimos captar apenas uma faceta da realidade e da vida do moleque, tal como sua trajetória e conflitos. Podemos afirmar ainda ter sido de modo excepcional que o autor traz para o plano ficcional uma sucessão de experiências que

surgem desde a primeira obra do ciclo. Ou seja, grande parte das personagens acompanham o desenvolvimento industrial, assim como a decadência de Santa Rosa e dos engenhos desde a primeira obra publicada por Lins.

Notamos, pela primeira vez, em José Lins do Rego, uma narrativa de cunho aprofundado no que diz respeito aos efeitos psicológicos, que através de Ricardo podem ser observados com bastante intensidade pela lástima da frustração ideológica em relação ao seu desconcerto com o mundo, o que o estagna por inúmeras vezes, tornando-o sujeito incompleto.

Todas essas referências ao lado psicológico da personagem surgem do seu próprio entendimento de que, naquela sociedade em processo de modernização não é possível a coexistência da elite e do modo de vida que a mesma constrói, com a parte marginal, digamos assim, da sociedade. Mesmo que essa marginalidade seja produto da própria reinvenção cultural desse novo modelo de vida.

Podemos afirmar que observando todo processo de formação de Ricardo, desde *Menino de engenho* à *Usina*, notamos uma linha tênue e histórica, que conduz o leitor, do princípio - representado pelos engenhos -, à narrativa do progresso, considerando os espaços de tempo e o meio em que Ricardo esteve inscrito, e por onde ele, concomitantemente, se forma para culminar na sínteses ampla e generalizadora, no sentido de que, o foco em Ricardo é também a representação dos sujeitos em construção naquela nova realidade.

O negro esteve marcadamente presente em todo esse processo e, focalizado com maior frequência, Ricardo ajudou a construir a perspectiva que desvelou a presença dos inúmeros moleques da bagaceira que, em busca de sobrevivência, também fugiram para a capital. Jesuíno, gostava de estar ao lado do negro, sua companhia o trazia lembranças do Recife, mas sem dúvida, poderia trazer também, a memória da época de criança, da vida no interior, longe da moral e do conservadorismo da elite dita moderna.

O propósito que incentivou Ricardo à fuga para Recife não diz respeito à única solução encontrada pela personagem, ainda que fosse evidente o declínio dos engenhos e, com isso, as condições de melhoramento de vida no interior. Ricardo estava se acostumando com aquela vida, mas não o agradava o fato de ter que viver inteiramente para os caprichos e tirania do senhor do engenho, no trabalho duro do eito, ainda que a paisagem lhe agradasse.

A sentença de Ricardo à prisão de Fernando de Noronha foi capaz de gerar um distanciamento das identidades que remetiam o negro ao espaço do Santa Rosa. Não só no que se refere aos seus desejos e sonhos no espaço do Recife, mas alargou ainda mais a distância entre ele e dona Avelina, seus irmãos, os outros trabalhadores e amigos que ficaram no engenho, enfim, tornou cada vez mais longínqua a possibilidade de volta e pertença ao espaço da várzea.

Curioso observar que a chegada de Ricardo em Recife é marcada pelas lembranças que eram direcionadas tão somente aos que em Santa Rosa haviam ficado. Lembrava da mãe Avelina, das mulheres do eito, das cigarras que cantavam invadindo a noite com o som de suas vozes, dos banhos de rio com o irmão mais novo, mas, aos poucos, essas lembranças foram substituídas por uma nova experiência, que mesmo não erradicando completamente a saudade e as lembranças dos seus, ajudou a amenizar a dor desse distanciamento.

Em Fernando de Noronha a falta dos carinhos da mãe foi substituída pelo prazer que lhe proporcionavam os afagos e as atenções que Seu Manoel lhe oferecia; isso chegou a lhe valer mais que os beijos de Isaura, Odete e Avelina. Sentia-se em outro mundo, outro ambiente, Fernando de Noronha representava muito mais que uma ilha correcional, no que tange a incoerência da liberdade. É muito mais que uma forma apresentada pelo narrador de evidenciar o cerceamento da liberdade. Fernando é um dos caminhos que levam ao entendimento de um dos pontos mais importantes do ciclo: A relação entre os espaços e a liberdade.

Como dito anteriormente, tanto Fernando de Noronha quanto outras colônias correcionais que surgiram no início da era republicana eram ocupadas, em geral, pelos mais pobres, por negros e miseráveis. Para lá enviavam os tidos como assassinos, ladrões, “vagabundos”, alcoólatras e presos políticos - como foi o caso de Ricardo - sob o argumento da necessidade de uma limpeza social.

Essa realidade demonstra como os grandes centros lidavam com a problemática do excesso de trabalhadores em contraste com a falta de estrutura que não abarcava a todos. E, se bem observarmos, esse processo de modernização foi arquitetado objetivando, justamente, a implantação deste modelo econômico, que também foi um projeto de sociedade.

Com a precarização da condição de vida no interior, muitas pessoas se deslocaram para as cidades em busca de melhores condições e acabavam marginalizadas, sendo essas colônias, espaço de insulamento social, que os aguardava.

Em *Usina*, podemos notar um exemplo dessa condição, quando o narrador cita o momento em que a polícia ameaça prender os filhos de Jesuíno, devido ao fato de os meninos estarem roubando para sobreviver.

O anonimato das identidades presentes em Fernando, num primeiro momento, pode estar associado ao fato de ser de interesse do narrador a delação de tudo o que acontecia na colônia, exprimindo, ao mesmo tempo, a seleção que fora realizada para a ocupação desse ambiente. Em outras palavras, pode-se afirmar que, a partir da observação da existência de diversas personagens tão singulares quanto aos seus aprofundamentos, a maioria expressiva que era enviada para as colônias era constituída pela parte mais pobre da sociedade.

O declínio do sistema econômico pautado no açúcar gerou grande excedente de trabalhadores, e estes lutavam para sobreviver deslocando-se para a capital sujeitando-se a situações ainda mais degradantes que no espaço de vida no interior. Desta forma, acabavam marginalizados, envolvidos nas atividades políticas de luta por direitos trabalhistas, ou, na melhor das hipóteses, empregados sob o regime de valorização limitada proporcionado pelo sistema que os contratava.

A referência que explica o motivo da prisão de Ricardo é bastante sutil, mas ainda assim notamos que sua presença na ilha é motivada muito mais por seu compadecimento à realidade de seus companheiros que por sua própria realidade, como podemos notar na seguinte passagem:

[...] Deixou Deodato e Jesuíno para um canto do navio e ficou a pensar em sua desgraça. Entrara na greve porque os amigos haviam se metido. Vira o povo de Simão, de Deodato, de Jesuíno com fome, e foi com eles para Fernando. (REGO, 1985. P. 45)

Em Moleque Ricardo notamos que, ainda que a luta sindical não representasse uma emergência individual, Ricardo se sentia comovido diante da situação de fome e desemprego a qual seus amigos se encontravam, embora esta fosse uma realidade comum a grande parte dos trabalhadores que iam para o Recife em busca de uma vida melhor. Muitos dessas pessoas eram enviadas para as colônias correcionais por motivos relacionados a vadiagem, no entanto, o que deveria representar o cerceamento da liberdade é resignificado por Ricardo, responsável por apresentar o primeiro espaço constituído da narrativa.

A experiência de Ricardo leva o leitor a olhar Fernando de Noronha com o olhar diferenciado - visto que a liberdade, que para muitos daqueles homens <sup>53</sup> era a esperança imaginada para além das águas que cercavam a ilha, seja na oportunidade de uma vida mais digna, através da inserção no mercado de trabalho na capital, seja na possibilidade de apenas ser reconhecido enquanto ser humano, ou ainda, na capacidade de ir e vir, fora dos limites de Fernando – para Ricardo, tinha um novo sabor, novo significado. Não que tenha sido a todo tempo assim, mas existiu um divisor de águas; algo que mudou sua percepção do local.

A liberdade passou a significar, naquele momento, muito mais do que significou no espaço do Santa Rosa, onde o patriarcado era imposto sob as inclinações humanas e as necessidades individuais. Em Fernando, Ricardo pode sentir, pela primeira vez, quase que a liberdade plena. O Santa Rosa ficava na memória como sua casa, o lar verdadeiro onde o aguardavam sua mãe, seus irmãos e a mesma vida medíocre da moenda, da casa de purgar e das moradas no entorno da casa grande. Mas Fernando era diferente. Em *Usina* o autor opta por nos apresentar a ilha através das lembranças de Ricardo, como um encarcerado recém liberto.

[...] E sem querer mesmo, a sua cabeça trabalhava, recordando num instante histórias e histórias que tinha vivido, que tinha sofrido. Lá estavam os canaviais, os bueiros do engenho, as terras cobertas de roçado, os trabalhadores parando a enxada para ver o trem passar roncando. Olhava de sua janela tudo isso, mas não via, com o pensamento que estava perdido por longe. Viera de Fernando de Noronha. Dois anos de presídio, no meio de criminosos, com o mar imenso cercando eles de todos os lados. Lembrava-se da ilha. No começo, nos primeiros dias, uma coisa dizia que dali nunca mais voltaria. (REGO, 1957. Pg. 19)

A partir do contato de Ricardo com Seu Manoel, ajudante do médico, a liberdade passou a significar muito mais do que a simples possibilidade de ir e vir de algum lugar, e Ricardo pode sentir, pela primeira vez, quase que a liberdade plena, nunca proporcionada a ele quando junto de Isaura ou Odete. Em um primeiro momento, como ainda era um homem repleto de cultura, hábitos e costumes de fora, e isso significa dizer que, ainda que inconsciente, estava imerso pelos valores patriarcais e machistas da época, teve dificuldade para entender muitos comportamentos que, inevitavelmente aconteciam, devido ao contexto.

Não é clara a existência da relação paradoxal que existe na afirmação de ser a personagem um encarcerado recém liberto; partindo do princípio de que para grande

---

<sup>53</sup> A escolha da palavra “homens” não está ligada a um termo genérico, de modo a generalizar ambos os sexos, mas sim de ressaltar que em sua maioria, com exceção dos trabalhadores da ilha, eram homens.

parte das pessoas a prisão é o oposto da liberdade, e é a esta última que todos almejam. No entanto, Ricardo aprendeu a olhar a situação por outro ângulo, e mesmo estando condenado a passar dias e anos preso na ilha, escolheu viver sua prisão. Na verdade, não foi uma escolha autônoma, como simples necessidade de passar por aquela experiência e ter um saldo significativo de consciência como encontraríamos num romance de formação.

Aos poucos Ricardo foi conhecendo uma outra realidade, formas de interação humana que, fora dos limites de Fernando, seriam inconcebíveis, ou estaria fadado ao escarnio. A colônia era a ponte que separa a vida do trabalhador desvalorizado do engenho do homem feito, consciente, em fase de libertação moral, e isso é bastante visível.

V. O PROTAGONISMO INVISÍVEL DO MOLEQUE RICARDO.



Capa de *Menino de engenho*.<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> Disponível em <<file:///storage/emulated/0/download/images.jpeg>>

## V. O PROTAGONISMO INVISÍVEL DO MOLEQUE RICARDO.

A ausência de um protagonista em *Usina* abre espaço para a atuação de uma personagem singular que, para muitos críticos, apresenta-se como uma espécie de figura central da narrativa, representada pela figura de Ricardo. Embora foco dado ao moleque seja mais perceptível no primeiro capítulo da obra, ele acompanha toda a narrativa exercendo papel fundamental na representação dos trabalhadores e das expectativas dos mesmos nessa sociedade em transição.

Seria injusta a afirmação de que a ausência de Ricardo em *Usina*, em nada influenciaria na narrativa. Muito pelo contrário: esse afastamento comprometeria a compreensão do todo da obra, visto que Ricardo existe como um orquestrador invisível da trajetória do romance e sua essência, uma personagem complexa que representa o que há de mais contraditória na sociedade moderna.

A amizade entre Carlos de Melo, neto de Zé Paulino, e o moleque Ricardo, desde a infância proporcionou ao último a possibilidade de observação das diferenças sociais que existiam entre ambos, que insistiam em persistir ancoradas na relação de trabalho que distanciava, cada vez mais, os dois polos – Trabalhadores e donos dos meios de produção - justificando a contradição nas falsas necessidades coletivas. Porém, ainda que seus olhos enxergassem esse fosso que separava as duas vidas, eles viviam sempre juntos, eram amigos que estavam em posição de classe diferentes.

Ricardo é, talvez, a personagem de maior estima do autor, sobre o qual Lins preparou um espaço reservado, desde a primeira obra do ciclo, conferindo a este a oportunidade de encerrar a coletânea de modo bastante significativo. Isto quer dizer que, se observarmos a sequência narrativa e a pluralidade de experiências extraídas dos romances, é possível que consigamos apreender a importância de Ricardo na obra. Isso porque o autor não buscou ressaltar, tão somente, as vivências das oligarquias patriarcais, mas também a valiosa experiência do trabalhador num espaço reconfigurado pelas usinas.

Os contrapostos das duas vidas os aproximavam na infância, mas também determinavam as diferenças. Ricardo era negro, pobre, filho de trabalhadores do engenho; Carlos era branco, neto do senhor de engenho; no entanto, foi ao primeiro que a liberdade se constituiu como propriedade. Ricardo era livre para firmar com a natureza uma relação de respeito e cumplicidade, que Carlos nunca teve.

Se ao Ricardo eram permitidos os banhos nas cachoeiras, assim como as brincadeiras pelo espaço ilimitado do engenho, como qualquer criança de sua idade, ao Carlinhos era reservada a supervisão de suas saídas e brincadeiras pelo engenho, para não perder a saúde. Não gozava da liberdade, e essa era a única coisa que Ricardo tinha a mais se comparado ao neto de Zé Paulino.

Vivendo sob a tutela exagerada da tia Maria ou do avô Zé Paulino, Carlos via as relações exteriores como um espaço de extrema dificuldade a ser adentrado, embora as condições sociais proporcionassem a ele oportunidade de reflexão. Em outras palavras, o ócio, regalia que só a elite tinha, dava possibilidades para que Carlos gastasse o tempo com reflexões existenciais, que logo à frente, culminariam na construção de sua personalidade. Mas não foi apenas a disposição do tempo ocioso que conferiu à Carlos a possibilidade de refletir sobre si mesmo e, com isso, construir-se enquanto sujeito social modificado; sua condição socioeconômica também contribuiu em muito para as decisões que iria tomar no futuro.

Enquanto isso, Ricardo trabalhava e ajudava dona Avelina nos cuidados com o irmão mais novo e os afazeres de casa. Na verdade, é possível afirmar que Carlos e Ricardo eram muito parecidos em essência. Ainda que ocupassem espaços sociais diferentes, ambos carregavam no íntimo o peso do medo da morte e da vida, assim como a insegurança da própria existência. Ou seja, compunham-se das mesmas crises existenciais.

A questão é que Carlos cresceu e se tornou um adulto, Dr. Carlos de Melo, herdeiro das terras do avô Zé Paulino, sobrinho de Dr. Juca. A análise do texto *Para uma interpretação do conceito de Bildungsroman*, de Flávio Quintale Neto<sup>55</sup> mostra que, a obtenção do saldo positivo de consciência de Carlinhos dependeu dos obstáculos que surgiram ao longo do percurso da narrativa e em como a personagem lidou com eles. Por essa razão, o romance de formação baseia-se nos princípios humanistas, fomentando a síntese entre práxis e contemplação.

Em outras palavras, Carlos de Melo pode ser considerado uma *personagem produto* de um romance de formação, sendo que em *Menino de engenho* é possível identificar o discurso da própria personagem em suas reflexões acerca das dificuldades encontradas em seu caminho. Por outro lado, não é possível conceber *Usina* como um romance de formação, muito menos Ricardo como sujeito modificado.

---

<sup>55</sup> NETO, Flávio Quintale. **Para uma interpretação do conceito de Bildungsroman**. Revista Pandaemoniun germanicun, 2005, pg. 185-205.

De acordo com Quintale Neto, o conceito de *Bildungsroman* precede, em primeiro lugar, a existência de um protagonista, que em *Usina* é inexistente; assim como busca alcançar a transformação da personagem, referenciando-se na ideia mística de reconquista do paraíso perdido. Ora, considerando a trajetória de Ricardo não é possível detectar mudanças de comportamento profundas e consciência em seu curso de vida. Sua existência segue com tal linearidade que o mesmo não apresenta a proatividade necessária para ações como a afirmação e negação da própria vontade.

Para Quintale <sup>56</sup>:

(...) em outras palavras, a origem do conceito de Bildung remete a concepção do homem como imagem da divindade. Contudo, ao cometer o pecado original, o homem perdeu essa imagem divina original e só pode reconquistá-la transformando-se a si mesmo. (QUINTALE, 2005. Pg. 187).

Seria quase que impossível a associação de Ricardo à imagem da divindade, levando em consideração que, para isso, seria necessário que a personagem buscasse a mudança de si mesmo. No entanto, se levarmos em conta seu percurso histórico como indivíduo, vítima da desigualdade social que, por sinal, construiu sua personalidade até o fim de seus dias, podemos notar que há uma certa medida de passividade que beira a ingenuidade emocional e, considerar isso, nos leva a ver Ricardo com outros olhos.

Ricardo seria então mais merecedor do resgate de sua imagem divina original, porque ele teve seu instante de mudança, no único momento em que tomou uma decisão por si mesmo, rompendo com a passividade. Sua morte foi mais representativa que todas as mortes que temeu durante a vida.

Outro fator importante em relação ao conceito de romance de formação e a tomada de consciência das personagens em Lins é que podemos considerar que, mesmo tardio o avanço de consciência acontece, no instante em que dada a situação conflituosa entre o dilema de abrir as portas e deixar que os trabalhadores matem a fome ou manter-se indiferente à situação, Ricardo opta por contrariar pela primeira vez o que lhe é imposto, tendo a morte como consequência de seu ato:

Ricardo começou a sentir uma coisa esquisita. Era medo e não era. Sentado num saco de farinha, o moleque não sabia o que era aquilo que passava por ele, era um frio, era uma vontade de gritar, de fugir dali. (REGO, 1985. Pg. 336).

---

<sup>56</sup> NETO, Flávio Quintale. **Para uma interpretação do conceito de Bildungsroman**. Revista Pandaemoniun germanicum, 2005.

[...] por que não sacudiam tudo aquilo para o povo encher a barriga? [...] bateram na porta. E o cabra disparou um tiro à toa. Então Ricardo correu, pulou o balcão da venda, se agarrou na tranca para abrir. E uma bala pegou-o pelas costas. O povo entrou pela porta escancarada, passando por cima do corpo do negro ferido. (REGO, 1985. Pg. 337).

O trecho “Era medo e não era” é o mais próximo que conseguimos captar de sua consciência. Demonstra o eterno dilema vivenciado pela personagem, entre o amor e o pecado, o certo e o errado, o ir e não ir. A passividade o acompanhou durante toda vida, e naquele instante, pela primeira vez, optou por agir de uma maneira inesperada a favor de sua gente.

Podemos até mesmo afirmar que, em *Usina*, o mecanismo utilizado pelo Bildungsroman, no lento processo de formação das personagens, ocorre de maneira diferenciada, pois no instante em que Ricardo se viu compelido à urgência da ação, toda sua vida, frustrações e experiências vieram à tona, induzindo-o a tomar aquela decisão que o levou à morte.

Assim como sua opção por entrar na greve dos trabalhadores, mesmo sem reconhecer nela as suas necessidades; sua opção por aceitar os carinhos de Seu Manoel em Fernando de Noronha, e sempre voltar à dialética do desejo e pecado; sua escolha em manter-se perto de Jesuíno a fim apenas de estar ali ao lado do amigo; todas essas foram suas decisões que, no fundo, foram guiadas pelas circunstâncias. Em outras palavras, podemos afirmar que a participação ativa de Ricardo na greve não teve a intenção de demonstrar uma atitude autônoma, no sentido de que o mesmo se aproximou da luta dos trabalhadores por convicção.

No caso do relacionamento com Seu Manoel não foi diferente. O asco que sentia nas noites em que passava com o cozinheiro, era facilmente vencido por sentir-se acolhido, ainda mais quando pode perceber em Seu Manuel um sujeito muito mais sensível que demonstrava ser.

As vezes Ricardo sentia náuseas de tudo isso, um nojo de se ver assim, acariciado, coberto dos cuidados e dos dengos de um outro homem. Lembrava-se então das histórias, **que contavam no engenho**, das cobras-deveado que pegavam o home na mata, quebrando todos os ossos, lambendo o pobre, lambendo para depois engoli-lo. Como não seria nojento aquela língua de cobra no corpo, aquele acariciar repelente. Saía para andar, quando lhe vinha este asco repentino. Uma vontade de fugir, de fugir mais de Seu Manoel do que da ilha, lhe apertava [...] à noite, porém, Seu Manoel chegava para o seu quarto. Vinha com aquela ternura que era uma mistura de agrado de mãe e de rapariga, tão bom, tão carinhoso, que ele se perdia outra vez, entregando-se a tudo que viesse até o fim (**grifo nosso**). (REGO, 1985, pg. 35)

Por fim, em relação à permanência de Ricardo ao lado de Jesuíno, o que podemos perceber é um ato de bondade que, sutilmente, se mistura à vontade de ficar e de se afastar. Ricardo sempre pendeu a olhar e sentir a dor do outro. Não se sentia bem coexistindo em meio a desgraça que assolava a família do amigo, mas não conseguia abandoná-lo, assim como não abandonou Simão no momento de sua morte, mesmo não se dando bem com a morte.

No entanto, voltando ao fragmento acima, é possível identificarmos duas formas de cerceamento dos desejos humanos os quais o narrador explicita. O primeiro de natureza religiosa, sustentada na coação por meio de uma consequência em virtude do pecado. Ricardo ficou preso nesse ciclo que vai do desejo ao abandono de Deus, ao pecado – o que é compreensível levando em conta que a personagem viveu grande parte de sua vida imbuído por esses valores morais e patriarcais da sociedade. No trecho a baixo, em que o cozinheiro conta sua história para o moleque, podemos observar com mais clareza a relação de Ricardo e Seu Manoel:

A vida dele era aquilo somente. Tinha aquele fraco. Era uma desgraça um home precisar de outro para viver, como ele precisava [...] **Deus lhe dera aquele castigo.** Bem que sua mãe pedia para que rezar, bem que ela lhe ensinava aquelas rezas para lhe fechar o corpo, para acertar o juízo. Nada lhe servia quando chegava à vontade, o desejo de se perder [...] (REGO, 1985. Pg. 42-43)

Aqui, observa-se que o espaço de Fernando de Noronha proporcionou a reflexão em torno dos conflitos que já existiam; isto é, da opressão e cerceamento que ocorreram para além dos limites do mar de Fernando. Neste ponto, contudo, notamos a capacidade com que o autor absorve as dimensões ontológicas de cada personagem, deixando disponível a amplitude de cada ser.

Além disso, ao contrário do que parece, o apelo à figura de Deus frisa não uma inclinação religiosa no sentido mais dogmático da palavra, mas soa como uma forma encontrada pela personagem de chamar a atenção para si, visto que se sente inferior:

O mundo dava voltas que só o diabo sabia. E Deus? O que diria Deus daquilo tudo? Deus não sabia de nada. Perdidos no meio do mar, eles estavam perdidos dos olhares de Deus. Deus não devia olhar para preso de Fernando. (REGO, 1985. Pg. 29).

Sobre Ricardo, em sua infância as descobertas sexuais eram tidas apenas como brincadeira de moleques, mas, naquele instante, deitando-se junto a Seu Manoel, o peso da tradição moral que rotulava como “anormal” o que não era de acordo com o padrão conservador, lhe caía sobre os ombros, ainda que não conseguisse resistir. Além do mais, é importante ressaltar que o relacionamento de Seu Manuel com Ricardo ultrapassava o campo dos desejos puramente físicos, pois, é notória a dependência afetiva entre ambos.

O jogo de dualidades que persiste na narrativa, entre a temeridade do pecado e o desejo, acabam por provocar, ou em outras palavras, fomentar o conflito interno que a personagem carrega dentro de si. Ricardo sempre está preso entre duas alternativas, a do prazer e a da moral, e em Fernando de Noronha se depara com a possibilidade de romper com a obrigação que se impunha em optar sempre pela última.

É justa a afirmação de que o que Ricardo sentia em Fernando era amor. Amor pela sensação de liberdade, que pela primeira vez sentia, pelas amizades, pelo mar revolto que embrutecia nas noites de temporal; amor por Seu Manoel, mas principalmente, estava se amando, se encontrando também. Ainda que a vida lhe reservasse o encontro com a morte, Ricardo aprendeu a encará-la de frente, e foi aprendendo a não ter mais medo.

Se voltarmos à obra *Menino de engenho* podemos identificar a presença de um aspecto que configura a narrativa como um romance de formação. Carlos de Melo, vítima do patriarcado, que o tira da convivência com a mãe, assassinada pelo próprio pai, começa a vida sendo confrontado com a violência e a questão do poder, o que futuramente lhe causa - ao contrário do que muitos pensariam – um saldo de consciência enquanto ser humano.

Seus momentos de reflexão são, ao mesmo tempo, momentos em que reflete a situação dos que estavam a sua volta, como a fragilidade da vida, do tempo e da própria existência enquanto sujeito social privilegiado. Transitava pelos espaços do engenho, conhecia a vida dos negros e das negras, não conseguia agir como membro do outro lado, dos da oligarquia, como um herdeiro de Zé Paulino.

Carlos de Melo teve a oportunidade de ver a contradição cara a cara e pensar nela, Ricardo apenas pode vivê-la. O trecho em que o narrador de *Usina* informa ao leitor sobre o paradeiro de Carlos – sua decisão de vender as terras ao tio Juca e ir embora como, segundo diz o narrador, um covarde – deixa implícita a consequência da

experiência de Carlinhos no Santa Rosa. Isto é, mostra que sua compreensão de mundo e de si mesmo não lhe permitiu agir como seu tio Juca, e por essa razão foi embora.

Ou seja, o que para alguns pareceu covardia e medo, para outros é o momento em que Carlos se entende como um homem diferente, e age conforme sua consciência, direcionado por sua experiência enquanto menino que muito viu do mundo. Enquanto isso, Ricardo sonhava com outra vida no Recife, imaginava-se na cidade onde tudo seria diferente.

No Recife, teria um emprego, uma família, conseguiria voltar para o Santa Rosa com boas condições e ajudar a família. Seria bem recebido na cidade, assim pensava Ricardo. No entanto, o processo de modernização do Recife e a nova condição de trabalho que se instalava na sociedade não dispunha de lugar para todos.

Ricardo não estava mal na cidade, tinha até conseguido alguns dos seus desejos como um emprego, salário e esposa, mas Ricardo, conduzido por um automatismo de vida, envolvera-se na luta por direitos trabalhistas, ocupando posição de liderança, o que lhe garantiu a prisão em Fernando de Noronha. Pode-se entender como uma ironia da vida, mas, para Ricardo, a mudança para a cidade só lhe trouxera contradições - como resultado de suas ações, conscientemente.

Porém, se olharmos com profundidade para o negro, vemos que Ricardo é vítima das próprias decisões, que na verdade, não chegam nem mesmo a serem tomadas. As circunstâncias sempre o levam ao automatismo, que em Fernando pode ser observado com mais clareza. Ricardo é enviado para a ilha correcional, sob a acusação de vadiagem, e a partir de então, outra realidade começa, outros espaços são formados e outras experiências são trazidas à tona pelo narrador.

Após algumas explicações do narrador quanto ao paradeiro de Carlinhos, encerra-se ali o foco na vida e experiências do menino; talvez por ter encontrado a síntese das suas crises e se entendido de alguma forma, ou apenas cumpriu, de acordo com as expectativas do autor, com o que lhe estava destinado: apresentar ao leitor o espaço do Santa Rosa, as relações que coexistiam entre o espaço dos engenhos e a natureza, a casa grande, as inúmeras formas de vidas distintas da sua, etc.

## VI. DO AÇUCAR À PRECARIZAÇÃO DA VIDA E DO TRABALHO.



Revolução de 1930 – Paraíba criativa.<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> Disponível em <[File:///storage/emulated/0/download/images%20\(1\).jpeg](File:///storage/emulated/0/download/images%20(1).jpeg)>

## VI. DO AÇUCAR À PRECARIZAÇÃO DA VIDA E DO TRABALHO.

Possivelmente, podemos considerar o tema deste capítulo como um dos mais relevantes no estudo de Lins e de sua coletânea do ciclo da cana de açúcar, pois todas as relações apresentadas pelo narrador, construídas em torno dos engenhos e, posteriormente, das usinas, estão concatenadas à relação de trabalho. Vemos que desde o primeiro momento em que o vínculo entre homem e natureza sofre interferências, num período recente à libertação da escravatura, por conta das transições econômicas, o trabalho foi o escopo dessas inter-relações.

A colonização atraiu inúmeras pessoas para o Brasil devido a necessidade de mão de obra para serviços que aqui havia demanda. Gilberto Freyre cita as relações que foram construídas, em *Casa grande e senzala*, e que num momento posterior culminou na classe trabalhadora – dos mais pobres e dependentes - não assalariada do espaço dos engenhos e, assalariada, nos centros urbanos, onde o capitalismo já se fazia mais sólido.

O Brasil não se limitou a recolher da África a lama de gente preta que lhe fecundou os canaviais e os cafezais; que lhe amaciou a terra seca; que lhe completou a riqueza das manchas de massapê. Vieram-lhe da África “donas de casa” para seus colonos sem mulher branca; técnicos para as minas; artífices em ferro; negros entendidos na criação de gado e na indústria pastoril; comerciantes de pano e sabão; mestres, sacerdotes e tiradores de rezas maometanos (FREYRE, 2000. pg. 365).<sup>58</sup>

É por essa razão que durante a narrativa de Lins encontramos negros ligados ao serviço pesado da cana de açúcar, mas também artesãos, cozinheiras, homens e mulheres que exerciam funções diversas, em prol do funcionamento do sistema econômico vigente. No entanto, a fase de declínio dos engenhos indicou, também, a decadência das vidas que dependiam dessa relação. O negro liberto encontrou nesta sociedade reformada praticamente as mesmas complexidades que outrora convivia, porém, de forma mais rude e rigorosa.

Para melhor especificarmos esses momentos, retornaremos um pouco o tempo da obra usina, a fim de retomar alguns elementos que explicitam com maior clareza o modo como o Santa Rosa foi estruturado. Isso porque *Usina* aborda a superação do sistema baseado nos engenhos, onde o trato era outro, e o narrador da última obra,

---

<sup>58</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. 39ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

disponibiliza a consequência do modelo econômico precário da época referida; ainda que alguns traços determinantes persistiram, como as relações patriarcais, por exemplo.

O trabalho no Santa Rosa, como foi dito anteriormente, estava estritamente ligado ao banguê, e a proximidade entre o trabalhador e o senhor proporcionou o trato mais informal na relação da produção, o que justificou, muitas vezes, afirmativas do tipo: “um negro que já era quase da família”.

Na verdade, podemos, e é necessário registrar a existência de tipos de relações bastante favorável a elite agrária: o primeiro encontra-se na aproximação que tornava o negro cativo, como as negras que passavam pelas mãos de Sinhazinha, a velha carrancuda de *Menino de engenho*, ou ainda, o negro Floripes que acompanhava Seu Lula em suas devoções religiosas.

Além disso, temos a existência de uma relação mais íntima e sexual entre os senhores e as negras que trabalhavam em suas terras; ponto de extrema relevância a ser citado, pois, aqui podemos ver materializada a hegemonia patriarcal no apoderamento dos corpos, para além do que se instituía como relação de trabalho. Contudo, em todas as relações a presença do trabalho é determinante.

No primeiro tipo de relação, o negro ainda é tratado como um escravo<sup>59</sup> e as exigências do senhor acaba excedendo a verdadeira necessidade de trabalho. O negro era um alugado, como vemos no trecho de *Moleque Ricardo*, em que o mesmo recorda seus dias de Banguê, no cominho rumo à Recife. O narrador afirma que o moleque “[...] deixara a bagaceira e ia se empregar. Empregar – como essa palavra era diferente de alugar! No engenho os trabalhadores eram alugados”.

A última relação, bastante similar à primeira, tem por diferencial, o fato de que se estende o domínio do senhor de engenho sobre o corpo das negras que na casa grade trabalhavam. Na verdade, como dito em linhas anteriores, o que acontece é a apropriação da força de trabalho dos negros e das negras pelos donos das terras, e isso significa, justamente, apropriação do corpo e da capacidade de trabalho.

No entanto, além de tudo isso, as relações ocorrem ainda de uma outra forma. Como a restrição da terra alude ao pertencimento e à deliberação de um único senhor, as

---

<sup>5959</sup> Em *Menino de engenho* podemos observar que muitos dos castigos ou das formas punitivas por ato dos senhores são como a extensão das relações da época da escravidão. Os castigos corporais, ou seja, ações punitivas feitas, justamente, para marcar e ferir o corpo dos escravos, ainda na época dos engenhos - em que se tinha, teoricamente, negros e negras libertos, convivendo e trabalhando nos engenhos – coexistia com a ideia de família e cordialidade.

formas de pagamentos pelos serviços desempenhados eram estabelecidas por meio de troca, o que fomentava a fixação do trabalhador nessas terras.

Na verdade, em todos os engenhos, a troca era a moeda de equivalência, ou seja, trabalhava-se em troca de alimentos. No entanto, o valor<sup>60</sup> recebido pelo trabalho quase sempre era discrepante. *Trabalhavam pelo quilo de ceará, pelo litro de farinha, ou de feijão e quando o trabalho valia mais que a precisão de comer, levavam para a casa o vale de tanto, moeda que só tinha valor no barracão da usina.* <sup>61</sup>Ou seja, notamos que são mecanismos que reforçam o vínculo do trabalhador na usina.

Por essa razão, Ricardo previu em Santa Rosa um futuro minimamente desfavorável aos trabalhadores, e como ouvira falar dos frutos da modernização na cidade, resolveu, com muito pesar, fugir para o Recife. Era o prenúncio do declínio, que aprontava para o definhamento do banguê do velho Zé Paulino. No artigo “Engenhos e usinas – a indústria açucareira do Brasil”, da revista Brasileira de Geografia, Elza Coelho de Souza<sup>62</sup> diz que:

Chamados, genericamente, de “banguês”, no Nordeste, constituem eles a fábrica de uma época de industrialização incipiente. Processando-se morosamente a nossa evolução industrial, é frequente encontrar-se no interior brasileiro a rotina suplantando a técnica. Assim é que se contam por centenas esses engenhos primitivos, de instalações rudimentares, baixo rendimento industrial e açúcar de tipo inferior. (SOUZA, 1966)

Esse era o espaço do qual muitos negros buscavam libertar-se pois, para eles, não era possível encontrar condição favorável à possibilidade de ascensão ou apenas dignidade de vida, posto que as terras continuavam retidas, em pose de uma minoria oligárquica – herança do tratado de lei das Sesmarias e sua aplicação – e os mesmos continuavam donos dos meios de produção; e, desta forma, ficavam sujeito à relação de dependência, devido a urgência da própria sobrevivência.

Em se tratando dessa transição podemos dizer que a obra anterior à *Usina* evidencia Ricardo de modo a aprofundar-se na subjetividade dos outros moleques, sem deixar, contudo, de revelar o moleque como figura importante para a representação do negro na obra de José Lins.

---

<sup>60</sup> Reforçando que quando citamos a palavra “valor” não estamos nos referindo, neste momento, em dinheiro, mas sim na barganha que era feita entre o trabalho no eito por vales que eram trocados por alimentos, como farinha e carne.

<sup>61</sup> REGO, José Lins. Usina. Pg. 131

<sup>62</sup>SOUZA, Elza Coelho. Engenhos e usinas: Tipos e aspectos do Brasil – coletânea da Revista Brasileira de Geografia. Fonte: IBGE – Conselho Nacional de Geografia. 8ª ed. Rio de Janeiro, 1966.

O que vamos encontrar em *Usina* são os momentos desse encontro, as dores, os conflitos, a renúncia, enfim, um remanejamento na organização dos espaços focalizados, das questões explicitadas, das personagens, mas sobretudo, uma aproximação, que tenciona a observação, não somente de Ricardo, mas do produto generalizado desse processo de modernização, que gerou pobreza, contradição, exploração e perda de identidade.

*Menino de engenho, moleque Ricardo* e até mesmo *Fogo morto* - que tem sua publicação datada no ano de 1943, e por essa razão não se inclui na série do ciclo do açúcar - mostram, muito bem, como foi estruturada a vida em torno dos engenhos e dos trabalhadores da bagaceira, sem garantias de progresso trabalhistas em relação aos mais pobres, sem expectativas de liberdade econômica, enfim, sem o gozo das condições necessário de trabalho; num sistema hostil em relação a maioria negra e pobre.

A vida na usina só era boa para aqueles que lucravam e conseguiam uma boa parte por sua produção, longe daí os trabalhadores viviam os longos dias a recordar o antigo Santa Rosa. A saudade dos tempos do trabalho no eito, onde todas as atividades estavam relacionadas àquele modo de vida; a lembrança gostosa da intimidade com a natureza e no convívio com ela.

O romantismo que envolve certas partes do romance acentua o realismo embrutecido com que Lins busca retratar esse momento. Ora, se podemos observar a aproximação do sujeito psicológico, e junto com ele, a operação intelectual que o mesmo se esforça para mostrar, como a disposição de suas reflexões em torno da realidade, que nem sempre estão associadas à condição material, podemos sim, conceber uma dose de abstração, relativa, de acordo com Bosi, à aproximação da *lírica moderna, no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do eu à sociedade e à natureza*.<sup>63</sup>

Não se trata de um romance introspectivo, mas compartilha do mesmo objeto focalizado, e ainda que não incorra na profusão dos sentidos mais profundos ligados à condição definida, sendo uma ficção regionalista, aproxima-se de um certo psicologismo perspicaz, muitas vezes acometida pela temeridade religiosa. Bosi afirma que<sup>64</sup>:

Socialismo, freudismo, catolicismo existencial: eis as chaves que serviram para a decifração do homem em sociedade e sustentariam ideologicamente o romance *empenhado* desses anos fecundos para a prosa narrativa. (BOSI, 2006. Pg. 389)

---

<sup>63</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Pg. 386.

<sup>64</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

Em outras palavras, o enraizamento da análise psicológica, que conduz a observação do interior das personagens, não apenas incorre em uma marca da prosa narrativa relativa à ficção de 30/50, como garante que haja no plano da obra, bem mais que a narrativa social, o aprofundamento dos aspectos psicologizantes, que vão conferir à obra maior autenticidade, como podemos notar no trecho em que o narrador ressalta toda experiência pessoal de Ricardo:

O moleque viera de outras terras quebrado de reveses. Vira a mulher e os amigos morrerem, tivera home com ele na cama, comera cadeia em Fernando. Uma vida inteira ficava atrás. O corpo dele Ricardo tivera muitas almas, fora de outros “Ricardos”.<sup>65</sup>

É preciso ressaltar que essas experiências só foram capturadas devido a decisão, quase que passiva, de Ricardo em fugir do Santa Rosa, em busca de emprego e melhor dignidade para sua vida; o que lhe proporcionou a possibilidade de ver além dos tijolos dos bueiros da Usina, ou dos campos repletos pela monocultura da cana. Nessa empreitada, conheceu o mundo, externo e o que existia dentro de si. Deparou-se com a morte, com os que encomendam a morte; com o trabalho e com a falta dele.

Para além disso, em *Usina* há a inserção de um período singular onde a pobreza gerada em nome do desenvolvimento do modo de produção foi bastante sentida pelos moradores de Santa Rosa – já sob outra denominação - e por mais que consideremos o fato de que essas alterações atingiram o modo de vida dessa parte afortunada da população, é inegável afirmar que houve um remanejamento social em torno da cultura e costumes do povo mais pobre.

Vemos que alguns trabalhadores continuaram agregados à terra e, em consequência da convenção do interior como espaço de produção para a capital e os grandes centros, tal como da ressignificação do espaço do Santa Rosa, em Bom Jesus a maior parte dos ambientes, em torno da casa grande, foi ocupada para o exercício da produção do açúcar, e dos caprichos do Dr. Juca. Não havia espaço para a produção de alimentos, pois “com o preço do açúcar, não se podia perder um palmo de terra com feijão”<sup>66</sup>, como afirmou o *cozinhador*, que encontrou Ricardo no caminho à Santa Rosa.

---

<sup>65</sup> REGO, José Lins. **Usina**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. pg. 127

<sup>66</sup> REGO, José Lins do. **Usina**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985. p. 66.

Por essa razão, os negros e negras que ali viviam, nos tempos do engenho, foram realocados para locais ermos, distanciados do núcleo deliberativo da economia açucareira de Santa Rosa. Observemos, pois, as mudanças <sup>67</sup>:

Aquela banca do alpendre de pau bruto, aonde o velho José Paulino dava as suas audiências, fora substituída, desaparecera para um canto qualquer. Ali agora brilhava a palha branca de umas cadeiras de vime. 21A rua, a antiga senzala dos negros, não podia ficar bem defronte de uma residência de usineiro. Botaram abaixo. E as negras tiveram que procurar abrigo mais para longe. Avelina, Luiza, Generosa, Joana Gorda que fossem arranjar os seus teréns lá para o alto. (REGO, 1985. Pg. 75-76)

Foram mudanças bastante significativas, que alteraram o espaço social de ambos os lados. Em relação à casa grande, todo o hábito e costume foi realocado para a capital. O Recife tornou-se referência e dona Dondon, esposa de Dr. Juca, ainda que não largasse mão dos cuidados que tinha com seu pessoal, principalmente com as mulheres, transferiu boa parte de seus dias à cidade, nos cuidados com as filhas e nos relacionamentos que construiu por lá.

Para os mais pobres, a condição só piorava, e aos que não viam possibilidade de mudança para a capital em busca de emprego, enraizavam-se ainda mais no solo da usina. Até mesmo o nome do Santa Rosa mudou para Bom Jesus; e podemos voar ainda mais alto, no ato de considerar, até mesmo, a referida mudança como a ratificação do patriarcado, na sobreposição do masculino sobre o feminino.

A inserção das usinas no espaço do Santa Rosa, além de ter suplantado a tradição, figurada na imagem do alpendre do velho Paulino, pelos ornamentos mais modernos de Dr. Juca – o que indica, em verdade, não uma superação, mas mera substituição dos valores patriarcais - motivou, juntamente, o afastamento da presença da senzala, ou seja, da história e dos rastros de identidade que formavam a herança daquele lugar.

Para além disso, o pobre trabalhador, já subordinado à autocracia dos engenhos, neste momento, passa a ser subjugado também às requisições do mercado. Muita terra para pouca variedade de produção, ou seja, a monocultura da cana de açúcar ou, no máximo, a partilha da terra com o café, limitou o chão à sementeira do que não alimentava. Desta forma, sustentar-se se tornou cada vez mais caro.

---

<sup>67</sup> REGO, José Lins do. Ibid. p. 75-76.

Vimos que em *Usina*, ao mesmo tempo que o cozinhador dava razão aos usineiros, entendendo que a situação destes não estava das melhores, o mesmo compreendeu o sistema econômico como unilateral, o que podemos observar no instante em que fala sobre as usinas <sup>68</sup>:

Dá dinheiro, é verdade, dizia o comerciante, mas para a burra dos grandes. O que lucra o povo com isso? Me diga o senhor que tem família. Quem pode sustentar gente em casa com os cereais pelo preço que estão? Digo isto não é por interesse, não. Até para mim não faz diferença. Tomo o meu cavalo, vou ao brejo e trago o artigo que vendo muito bem. Mas não é brincadeira. O senhor veja a desgraça do povo por aí. Muita gente vive na farinha seca, que feijão está ficando comida de rico. (REGO, 1985. Pg. 66)

A pobreza que se formava em torno do território das usinas, não apenas foi uma reação sintomática da organização financeira de Dr. Juca, como um reflexo do que constituiria no Brasil um modelo econômico. A situação, como dissera o *cozinhador*, não estava boa para ninguém, mas, principalmente, para o povo pobre, esse sintoma se acentuava.

Ricardo não foi criado para ser considerado mártir dos menos afortunados. Em *Usina*, de fato, essa designação não lhe caíria bem; mas sua importância reside no fato de que ele perpassa todos, ou quase todos os ambientes de trabalho, não só do Santa Rita. Notamos Ricardo na luta pela sobrevivência nas tarefas árduas dos engenhos, desde sua infância; no trabalho pesado no Recife; nos afazeres obrigatórios – ainda que munidos de um pouco mais de liberdade – em Fernando; e por fim, na degradante condição que encontrou na volta para Bom Jesus.

Em Fernando de Noronha a relevância do trabalho está ligada muito mais aos anseios que acompanhavam os presos, no sonho de executar o ofício aprendido ou aprimorados na ilha, quando estivessem novamente em sociedade, do que nas atividades que lá exerciam. Talvez possamos considerar essa falta de atenção voltada para o trabalho no ambiente de Fernando como uma forma de ressaltar a colônia, um espaço contraditório, se a considerarmos mediante os sentimentos de Ricardo.

É bastante provável que, observada essa constatação, notamos a real intenção do autor em elevar a colônia de Fernando como um elemento externo ao eixo estrutural do ciclo do açúcar. Isto é, uma vez distanciada do Recife e do Santa Rosa/Bom Jesus – espaços associados ao modelo econômico sustentado pelas usinas – Fernando inserta

---

<sup>68</sup> REGO, José Lins do. Ibid. p. 66.

uma outra realidade diferente, em grande parte, dos aspectos que circundam esses dois ambientes citados.

Assim como houve o prenuncio do declínio dos engenhos, e a superação destes pelo modo produtivo mais moderno, os usineiros também teriam que escoar junto com toda matéria bruta que confluía para a modernização. Ou seja, considerando que a indústria se fortalecia com a tecnologia que sempre se renovava, o modelo de Usina, e não somente, mas a própria demanda econômica pautada no açúcar, se reformularia. Ora, acompanhada da imaturidade de Dr. Juca em administrar a empresa, Bom Jesus findava, e o legado de Zé Paulino caminhava para o fim.

Sobraram a fome do povo, a casa grande em conflito, as dívidas, a perda da arbitrariedade austera de Dr. Juca, o barracão trancado a chaves, e um fim predeterminado. Esse capítulo da obra, pode ser entendido como a elação da narrativa, configurada por dois momentos cruciais: a saída de Dr. Juca, de modo que este equivale-se aos negros e trabalhadores das usinas, e o momento de sublimação de Ricardo.

Os dois lados avessos de uma mesma história. Dr. Juca, que fora dono de umas das mais promitentes usinas de produção do açúcar, perde tudo e se torna, também, vítima do próprio sistema que outrora fazia parte. Sempre aos cuidados de Paulino, protegido pela patente do pai, Juca, desde mais novo, fora acostumado a ser absolvidos de todo fruto de sua irresponsabilidade.

A vida de abundância e a conquista do primeiro lugar no ranking entre o Santa Rosa e São Felix fomentaram o deslumbre, que aos poucos o foi levando a bancarrota. O desfecho deste período, da implantação das usinas, culminou na sua superação, no estrangulamento das classes mais pobres, mas também no afunilamento da classe oligárquica.

Como não havia mais condição de suprir a necessidade do povo, e o barracão fora fechado para qualquer um, certa era a possibilidade de insurgência. Ricardo estava no meio de tudo isso e, incumbido de proteger e negar aos trabalhadores o acesso ao galpão, Ricardo se vê diante do maior conflito de sua vida. Diferente do que vivera em Fernando quando precisava dar, de uma vez por todas, uma resposta a si mesmo quanto aos sentimentos que tinha por Seu Manoel.

Diferente da urgência em se decidir entre ficar na casa de Jesuíno, mesmo com toda situação degradante que o consumia, ou seguir para o Santa Rosa; assim como foi, também, diferente de quando optou por partir do engenho rumo ao Recife, onde

envolveu-se, juntamente, na luta popular. Este foi talvez o momento exato em que Ricardo se encontra com seu próprio eu. Momento em que podemos captar os rastros do que poderíamos chamar de romance de formação.

Sua morte foi um ato altruísta, que não só libertou o povo da fome como libertou a ele mesmo, das dores que sentia do mundo. Talvez o momento mais importante da obra. Dr. Juca ao se ver diante da enorme fortaleza perdida, do alto da Areia disse “isto é o mesmo que pedir esmola”, enlaçando-se na própria derrota, enquanto Ricardo, dava-se pelo outro. Podemos até mesmo imaginar o que passava pela cabeça do negro, num instante tão conturbado, em que na balança estavam em mesmo peso sua vida e a dos demais trabalhadores, como podemos observar no trecho a seguir <sup>69</sup>:

Por que não sacudiam tudo aquilo para o povo poder encher a barriga? O primeiro que botasse a cabeça, veria o que era uma bala. Para o cara de rifle em punho, nem parecia que havia perigo. Ricardo fechava os olhos, para não ver a cara de Florêncio morrendo, o olho arregalado de Simão. Deodato lhe dissera que ele na ilha fora um safado. Os filhos de Jesuíno, roubando nos quintais. A mãe Avelina com pernas estouradas. Salomé rapariga de todo mundo. A cabeça do moleque rodava, um zunzum, como de canto de cigarra distante, gemia nos seus ouvidos. Bateram na porta. E o cabra disparou um tiro à toa. Então Ricardo correu, pulou o balcão da venda, se agarrou na tranca para abrir [...] e uma bala pegou-o pelas costas. O povo entrou pela porta escancarada, passando por cima do corpo do negro ferido. (REGO, 1985. Pg. 337)

No início Ricardo caiu numa espécie de confusão interna. Não sabia o que sentia com toda aquela confusão, se era medo ou não era, era ao mesmo tempo “um frio, uma vontade de gritar, de fugir dali”<sup>70</sup>. O fato é que, tornou-se obsoleto o modelo de produção, e as usinas que ali se mantinham foram, paulatinamente, substituídas por outros mecanismos mais modernos de produção.

Interessante ressaltar que o prenúncio da derrocada foi sutilmente citado já por João Cabral, em *Morte e vida severina*, no trecho em que *o retirante chega à Zona da Mata, que o faz pensar, outra vez, em interromper a viagem*<sup>71</sup>.

Mas não avisto ninguém  
Só folhas de cana fina;  
Somente ali à distancia  
Aquele bueiro de usina;  
Somente naquela várzea  
Um banguê velho em ruina  
Por onde andaré a gente

<sup>69</sup> REGO, José Lins do. *Ibid.* p. 337.

<sup>70</sup> REGO, José Lins do. *Usina*. 12ª. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985. Pg. 336

<sup>71</sup> NETO, João Cabral de Mello. *Morte e vida Severina*. Obras completas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, pg. 171.

Que tantas canas cultiva?  
Feriado: que nesta terra  
Tão fácil, tão doce e rica,  
Não é preciso trabalhar  
Todas as horas do dia,  
Os dias todos do mês,  
Os meses todos da vida.  
Decerto a gente daqui  
Jamais envelhece aos trinta  
Nem sabe da morte em vida,  
Vida em morte, severina;  
E aquele cemitério ali,  
Branco na velha colina,  
Decerto pouco funciona  
E poucas covas aninha.  
(NETO, 1994. Pg. 171)

Podemos auferir desse excerto duas interpretações em relação ao contexto das usinas, levando em conta o espaço que o retirante encontrou na Zona da Mata. Uma possível interpretação é a de que é possível concebermos a possibilidade de o retirante ter realmente encontrado uma usina ativa, pois, o mesmo cita o bueiro da usina em contraste com o banguê, do engenho, isto é, ficou bastante clara a evidencia da supremacia da primeira sobre a segunda, registrada na imagem da ruína encontrada pelo sertanejo.

Ou seja, é bastante plausível o cenário onde o retirante observa a presença de apenas um bueiro, apenas uma usina, pois, no concurso do espaço entre o Santa Rosa, o São Félix e outros engenhos, também fortes, existe a possibilidade de que um tenha sobressaído. No entanto, outros elementos são cedidos ao leitor, de modo que podemos extrair novas interpretações.

Se levarmos em conta a data de publicação de *Morte e vida severina*, vemos que a mesma foi escrita entre os anos de 1954 e 1955, sendo publicada no ano de 1956. Ora, no período de publicação da obra, poucas foram as usinas que se mantiveram em pé, e embora possamos afirmar que o autor possa ter se referido a tempos antigos, onde as usinas ainda estavam em atividade, produzindo o açúcar para a sociedade, o autor de *Morte e vida severina*, tendo nascido na década de 20, pouco contato teve com esse modo de produção.

Ao deparar-se com o bueiro da usina, mas também com o vazio da cidade, o sertanejo presencia um contexto em que, na falta de emprego e de melhores condições de vida, a maior parte dos que ali estavam fixados, fogem rumo ao Recife. Ou seja, o vazio da cidade é o reflexo do êxodo que foi se acentuando paulatinamente.

Talvez a escolha das palavras que remetem à sensação de um lugar abandonado não esteja associada ao espaço já obsoleto da usina, e o “restar apenas folhas da cana fina”, pode representar o modo, diferente dos engenhos de produção do açúcar, onde não era preciso o mesmo número de trabalhadores como era no eito. Os bueiros de ambos os contextos continuaram ali, mas o espaço jamais voltou a ser o mesmo.

Santa Rosa transformou-se no Bom Jesus, e tudo que era parte da história, da identidade do povo, foi transformado. Na verdade, outras histórias virão, embora nunca substituam ou sotierem a verdadeira herança daquela gente. Carlos de Mello e o moleque Ricardo se encontraram, e muito provavelmente Lins tenha encerrado o ciclo, devido a grandiosa contribuição de ambas as personagens em sintetizar o plano da narrativa.

Foi um conjunto perfeito, de infância, aprendizado, obstáculos, explorações, medo, sexualidade, religiosidade até chegar no ápice representado pela beleza. Em outras palavras, mesmo citando o cenário de um Nordeste carente, cuja morte lhe serve de esteio, José Lins, assim como João Cabral, conseguiu captar o belo, em meio ao que restou do espaço onde a identidade nordestina havia há tempos se concretizado como herança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Debruçar-se sobre o romance *Usina* engendra no íntimo do leitor e do pesquisador a ânsia por adentrar cada vez mais fundo nesse universo do regionalismo de 1930. Não apenas devido ao prazer que causa a leitura desta obra, mas pelo fato de conseguirmos correlacionar as histórias, os conflitos e as identidades com o contexto atual. Ao passo que Lins busca representar a desordem causada pela reestruturação econômica da sociedade aristocrática na década de 1930, delineando a diversidade de identidades, conseguimos, num exercício de comparação, relacionar os dois contextos, um interno a obra e outro no plano denotativo.

Não podemos negar serem bastante presentes na sociedade atual, não somente os conflitos mediante a transformação social constante, como as crises existenciais que se seguem a ela. Em outras palavras, na sociedade moderna, vemos a implantação de usinas que, ao invés de servirem à produção do açúcar, estão relacionadas à produção energética, mas que assim como o modelo antigo de produção, também exercem força contrária à preservação do meio ambiente, em detrimento do lucro financeiro.

Outro ponto de intensa relevância é o fato de essa sociedade moderna ainda não ter superado, por completo, os conflitos engendrados no período pós-colonial. O poder aristocrático apenas aprumou novos rumos, o patriarcado persistiu ajustando-se ao novo modo de vida atual, e como não é difícil de notar, a realidade dos negros na sociedade não foi superada, mas continua associada ao mito da liberdade concedida pela lei áurea, que nada mais é que a representação discrepante, do peso desproporcional entre a condição dos negros e da elite na sociedade.

Existem, ainda hoje, muitos “Ricardos” cujas vidas ainda são precarizadas, como consequência da reestruturação social de tempos anteriores. Falar em legado, nos força a conceber não apenas uma herança histórica e literária de cunho positivo, como o soldo que tivemos na configuração de uma nova estética, mas também, de um espólio de natureza ôntica, que sustentou durante muito tempo a estratificação da sociedade.

Podemos notar, portanto, a pertinência do tema abordado por Lins. Não que o romance possa ser considerado documento histórico, mas é de suma importância resgatá-lo, tanto pelo universo que aborda, quanto pelo modo que aborda.

Parafraçando Maria de Fátima Marinho, no texto sobre a construção da memória, podemos concluir ser a literatura um meio de tornar vivo e atuante o fato e o sujeito a partir da reminiscência, posto que a história possui seu caráter inacabado. E,

uma vez considerado isso, concluímos também que José Lins dá alma nova aos fatos do passado, trazendo à vida personagens, costumes, folclore e toda diversidade relativa ao Nordeste. Desta forma, não podemos afirmar que não houve perdas no processo de modernização dos espaços relacionados à obra, visto que a inserção das usinas, e da industrialização como um todo, provocou imediatamente a transformação do ambiente, assim como a relação entre o homem e o meio, a natureza e as necessidades de manutenção da vida em determinados locais.

O espaço do Santa Rosa não mudou apenas de nome, mas teve transformada a sua essência, e os que ali se mantiveram foram obrigados a se formatarem às exigências desse novo sistema de sociedade. Por essa razão é que podemos considerar Ricardo como o sujeito indicativo de humanidade e permanência de valores ligados ao antigo espaço onde ele, Carlinhos e outros moleques do eito viviam.

Ao trazer Ricardo para o plano mais raso da narrativa, ou seja, onde o leitor consegue visualizá-lo de maneira mais efetiva, inserindo-o nos três espaços ficcionais, o autor conseguiu, através do jogo de oposições, apresentar a conclusão desse processo de modernização que precarizou, alienou e tornou mais vulnerável a vida humana na sociedade, revelando que essa modernização servia para poucos.

Há uma inversão de sentido bastante sensível no conceito de “prazer” na obra de Lins o que de certa forma, separa os dois universos sociais, da elite e dos trabalhadores da usina. Em relação ao Bom Jesus, o prazer está associado ao fato de a elite, representada pela figura de Dona Dondon, suas filhas e Dr. Juca, poderem usufruir da condição financeira para a diversão e lazer na capital e na praia, ao passo que este mesmo prazer é encontrado por Ricardo no espaço de Fernando de Noronha.

Certamente, compreendemos se tratar de uma situação irônica e, de certo ponto, contraditória, devido ao fato de se tratar de um espaço de cerceamento de liberdade. No entanto, é inegável a percepção de que a colônia correcional de Fernando foi o ambiente em que visualizamos a possibilidade de compreensão da liberdade, propriamente dita, a apreensão do “eu” da personagem, assim como podemos afirmar ter sido o único espaço em que Ricardo pode sentir-se mais dono de suas vontades.

Por outro lado, o conceito de prazer na obra de José Lins também nos remete a hipocrisia ligada a ala mais abastada da sociedade que buscava preservar a falsa moral como forma de cobrança alheia. Ora, muitos eram os usineiros que buscavam diversão nas casas de prostituição, como a pensão Peixe-Boi de dona Julia, ou a mansão de *Mme*.

*Mimi*, ao mesmo tempo que cobravam de suas esposas um comportamento moral adequado.

Os detalhes com que descreveu a constituição da casa grande, a profundidade psicológica das personagens, a identidade dos negros, dos europeus e americanos que aqui se estabeleciam, a paisagem, a natureza, a fúria do rio, os aspectos da regionalização, tratados por Mirley Fachini durante a pesquisa, enfim, constituem-se como legado nacional, cuja dimensão literária e histórica é de difícil contabilidade.

Notamos que o trabalho foi o principal meio de modificação do espaço social, e que este, ao perder sua identidade original, produz um efeito generalizado que aporta mudanças em vários viesses. O Santa Rosa, ao ser reestruturado pela implantação das usinas reestrutura também o modo de vida, a convivência, as relações e até mesmo os hábitos em sociedade. No entanto, o patriarcado, o poder associado a posse da terra, e a influência econômica nas deliberações sociais continuaram até os dias atuais.

Quer dizer que a jornada que vai de *Menino de engenho* à *Usina* projeta uma linha histórica que paulatinamente reergue um espaço social diferente do apresentado por Carlos de Melo. O realismo bruto, citado por Bosi, pode ser compreendido no romance de Lins como sua forma de expor a complexidade deste sistema que, ao mesmo tempo que reforça a contradição e a tirania da aristocracia, estabelece o limite existente nas relações, e não se furta a mostrar a decadência tanto de um sistema quanto de um membro do mesmo.

É bastante significativo que Lins tenha concluído seu romance apelando para a simbologia da falência acompanhada, no entanto, do orgulho. Não foi à toa que o autor encerrou a obra com a frase “isto é o mesmo que pedir esmola”, pois a sentença acompanha o declínio dos engenhos e, em seguida, da hegemonia aristocrática que veio a minguar aos poucos.

Dr. Juca foi a representação de uma classe que, ao observar o acirramento da concorrência, reduziu-se a uma minoria que detinha maior número de hectares de terra, como o Dr. Luís da São Felix., seja pelo conhecimento de contabilidade e administração, seja pela avareza, o dono da usina tornou-se um dos mais bem-sucedidos usineiros do lugar, o que não aconteceu com Dr. Juca.

Em suma, ressaltamos aqui a importância de uma obra que é pouco analisada pela crítica, mas que finaliza honrosamente a coletânea do ciclo da cana de açúcar. A partir de *Usina* alcançamos maior conhecimento sobre a transformação cultural, social, política e ideológica da década de 1930 e apreendemos um pouco mais sobre José Lins,

prestigiado pelo romance de cunho regionalista, mas, que merece ser reconhecido também como um escritor que investiu na experimentação formal.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Aurora Gedra Ruiz; LOPONDO, Lílian. Diálogo no limiar e diatribe: **mecanismos de construção da autoconsciência**. Bakhitiniana. Rev. Estud. Discurso, v. 7, n.º. 2, p. 05-18, 2012.

AMARAL, Aracy. **O modernismo brasileiro e o contexto cultural dos anos 20**. Revista USP, São Paulo n.º 94, p. 9-18, 2012.

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BERNARDES, Denis de Mendonça. **Notas sobre a formação social do Nordeste**. São Paulo: Lua Nova, 2007.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. 1ª. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43ª. São Paulo: Cultrix, 2006.

BUENO, Luís. **Uma história do Romance de 30**. São Paulo: EDUNESP; Campinas: editora da UNICAMP, 2006. 71 p.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Livros que inventaram o Brasil**. Novos Estudos, CEBRAP, n.º 37, novembro 1993, p. 21-35.

CASTRO, Josué de. Geografia da fome: **o dilema brasileiro: pão o aço**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. **O texto e o contexto na obra de José Lins do Rego**. Jornal da UNICAMP – Campinas, 8 a 14 de novembro de 2010 – Ano XXIV, n.º 480. Ou disponível em:

<[http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/novembro2010/ju480\\_pag0607.php#](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/novembro2010/ju480_pag0607.php#)>

CHIAVENATO, Júlio José. O negro no Brasil: **da senzala à abolição**. São Paulo: Moderna, 1999.

- DANTAS, Cauby. Gilberto Freyre e José Lins do Rego: **diálogos do senhor da casa grande com o menino de engenho**. Scielo books, 2015. Disponível em: <http://books.scielo.org>
- EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: **uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FERNANDES, António Teixeira. **Espaços sociais e suas representações**. Porto, 1992.
- FERRARO, Marcelo Rosanova. Fernando de Noronha e o mundo: **a colônia penal do império em perspectiva atlântica no século XIX**. Scielo, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-463320151016>. Acesso em: julho 2018.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. 39ª. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- FREYRE, Gilberto. **O manifesto regionalista**. 7ª ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. P. 47-75.
- FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: **o desenvolvimento de um conceito crítico**. Revista USP, São Paulo, nº 53, p. 166-182, março/maio 2002.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 27ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional
- Howe, Irving. **A política e o romance**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- KÖLLN, Lucas André Berno. **O romance histórico**. Tempos Históricos, Universidade Estadual do oeste do Paraná–Paraná, V. 16, 1ª semestre, 2012. P. 179-184. ISSN 1517 –4689.
- MACHADO, Afonso. **Zé Lins é nosso Balzac**. Esquerda diário, disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Zé-Lins-e-o-nosso-Balzac>
- MEDEIROS, Maria de Fátima Vaz de. **O Neo-Realismo Português e Romance de 30 do Nordeste**. Universidade dos Açores, 1997 (dissertação de mestrado em cultura luso-brasileira), p. 80-97.
- NETO, João Cabral de Melo. **Morte e Vida Severina: e outros poemas para vozes**. Rio de Janeiro: nova fronteira, 1996.
- NETO, Flávio Quintale. **Para uma interpretação do conceito de Bildungsroman**. São Paulo: Pandaemonium Germanicum, 2005. P. 185-205.

- OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de. O movimento modernista em Pernambuco: **A correspondência entre Joaquin Inojosa e José Américo de Almeida**. Imburana – revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-rio-grandenses/ UFRN nº 6, jul./dez. 2012.
- PRAGANA, Maria Elisa Collier. Literatura do Nordeste: **em torno de sua expressão social**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- REGO, José Lins do. **Fogo morto**. 79ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 66ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- REGO, José Lins do. **O moleque Ricardo**. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- REGO, José Lins do. **Usina**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- RIBEIRO, Darcy. **Sobre o óbvio**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.
- RIBEIRO, Vanessa Lopes. **Discurso sobre o universo do trabalho e da tecnologia no romance Usina, de José Lins do Rego**. Tese (Doutorado) – Universidade tecnológica Federal do Paraná. Programa de pós-graduação em Tecnologia, Curitiba, 2015.
- RUFATTO, Simone. **O romance de 1930**. Revista do IEB, USP- São Paulo, nº 44, fev. 2007.
- SÁ, Piedade de. **O espaço como elemento estruturador do romance e do filme Vidas secas**. Graphos. João Pessoa, v. 9, nº 1, jan./jul./2007 ISSN 1516– 1536
- SANTOS, Edilon de Freitas dos. Representação do negro na obra Menino de engenho: **um tema problemático para o romance de 1930**. Bahia, 2015.
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço: **técnica e tempo/ razão e emoção**. 4ª ed. 2 reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SANTOS, Milton. Espaço e sociedade: **ensaios**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982, 156p.
- SANTOS, Milton. Metamorfose do espaço habitado: **fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A prisão dos ébrios, capoeiristas e vagabundos no início da era republicana**. Revista Topoi. Rio de Janeiro, v. 5, nº 8, 2004.
- SAQUET, Marcos Aurélio; SILVA, Sueli Santos da. Milton Santos: **concepção de geografia, espaço e território**. GEO UERJ, Rio de Janeiro – Ano 10, nº 2, v. 18. 2008.

SIMMEL, Georg. **Sociologia do espaço**. Artigo publicado na nova série do célebre *Jahrbuch für Gesetzgebung, Verwaltung und Volkswirtschaft im Deutschen Reich* (Ano 27, v. 1, 1903, p. 27-71).

SMITH, Roberto. **Nordeste: a formação regional de um espaço em crise**. Universidade federal do Ceará, 2017.

TEIXEIRA, Ivan. **Poética cultural, literatura e história**. POLITEIA: Hist. e soc. - Vitória da conquista, v. 6, nº 1, p. 31-56, 2006.